

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Mestrado em Sociologia

Área de Especialização: Poder e Sistemas Políticos

OS JOVENS E A CULTURA
Práticas Culturais dos Estudantes de Sociologia da
Universidade de Évora

Dissertação de Mestrado apresentada por:
José Luís Fialho Duarte Banha

Orientador:
Professor Doutor Francisco Martins Ramos

“Esta dissertação não inclui as críticas e sugestões feitas pelo júri”

Évora, 2005

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Mestrado em Sociologia

Área de Especialização: Poder e Sistemas Políticos

OS JOVENS E A CULTURA
Práticas Culturais dos Estudantes de Sociologia da
Universidade de Évora

Dissertação de Mestrado apresentada por:
José Luís Fialho Duarte Banha



157632

Orientador:
Professor Doutor Francisco Martins Ramos

“Esta dissertação não inclui as críticas e sugestões feitas pelo júri”

Évora, 2005

RESUMO

Este trabalho procura verificar como os jovens estudantes de sociologia da Universidade de Évora encaram a cultura, e de que forma é que ela entra nos seus quotidianos.

O conceito de cultura subjacente a este trabalho prende-se com aspecto artístico-literário da mesma.

Como pressupostos de base, considera-se existirem hoje condições de difusão cultural extraordinariamente desenvolvidas, bem como uma fortíssima influência exercida pela cultura anglo-americana sobre a juventude.

A principal pergunta de investigação pode-se formular assim: "Como vivem estes estudantes a sua relação com a cultura?". Num plano adjacente, situam-se outras questões, como sejam caracterizar a reacção destes jovens à hegemonia da falada componente anglo-americana, ou verificar se a oferta cultural da cidade os satisfaz.

O objectivo fundamental desta investigação é caracterizar a relação deste grupo com a cultura e contribuir para um maior conhecimento relativamente a estes jovens.

A opção metodológica escolhida passou pela harmonização dos modelos qualitativo e quantitativo.

ABSTRACT

The Youngsters and the culture- Cultural practices of the Sociology students from Évora University

This research aims to verify how young Sociology students from Évora University face culture.

The concept of culture beneath this research regards exclusively its artistic and literary aspect.

As a base, we presuppose that nowadays there are extraordinarily developed cultural diffusion conditions. It's also noteworthy the strong influence of the Anglo-American culture on the youngsters.

The main research question of this study can be put like so: "How do these youngsters live their relationship with culture?"

In a similar plan there are other questions, such as to identify the way in which these students react to the hegemony of the referred Anglo-American component, or to verify if the cultural offer in Évora satisfies them.

The main goal of this research is to characterize the relationship of this group with culture and, secondly, to contribute to a bigger knowledge of these youngsters.

The methodological choice regarded the harmonization of the qualitative and quantitative methods.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	8
1 INTRODUÇÃO	
1.1 O tema e sua motivação.....	11
1.2 De que se fala quando se fala de cultura.....	13
1.3 Pressupostos.....	15
1.4 Perguntas de investigação.....	18
1.5 Objectivos.....	20
2 ENQUADRAMENTO TEÓRICO	
2.1 Base metodológica.....	23
2.2 Autores e estudos sobre o tema.....	26
3 METODOLOGIA	
3.1 Unidade de análise.....	30
3.2 Opções metodológicas.....	32
3.3 Recolha de dados	
3.3.1 Questionário	
3.3.1.1 <i>Elaboração do questionário</i>	35
3.3.1.2 <i>Critérios de recolha</i>	36
3.3.1.3 <i>As questões</i>	37
3.3.1.4 <i>Receptividade</i>	38

3.3.1.5	<i>Aspectos relevantes</i>	39
3.3.2	Entrevista	
3.3.2.1	<i>Metodologia utilizada</i>	40
3.3.2.2	<i>Critérios de recolha</i>	41
3.3.2.3	<i>Os entrevistados</i>	43
3.3.2.4	<i>Receptividade</i>	44
3.3.2.5	<i>Aspectos relevantes</i>	45
3.4	Análise de dados	
3.4.1	Análise das respostas ao questionário.....	46
3.4.2	Análise das entrevistas.....	46
3.4.3	Aspectos relevantes.....	47
4	ESTES JOVENS E ESTA CULTURA	
4.1	Retrato robot	49
4.2	A formação da consciência cultural	
4.2.1	Referência exógenas	
4.2.1.1	<i>Família</i>	52
4.2.1.2	<i>Amigos</i>	54
4.2.1.3	<i>Publicidade</i>	56
4.2.2	Busca individualizada	
4.2.2.1	<i>Vontade e identidade</i>	60
4.2.2.2	<i>Internet e publicações especializadas</i>	62
4.2.3	A importância das práticas culturais	
4.2.3.1	<i>Auto percepção</i>	63

4.2.3.2	<i>Percepção exterior</i>	64
4.2.4.	A televisão.....	65
4.3	Diferentes formas de expressão, diferentes práticas	
4.3.1	A questão da música.....	70
4.3.2	A decadência do livro ? ; Novas literaturas.....	76
4.3.3	Cultura difícil ; Teatro e artes plásticas.....	81
4.3.4	Cine-diversão.....	85
4.4	A hegemonia anglo-americana	
4.4.1	Elementos significativos.....	89
4.4.2	Conscientes ou inconscientes.....	93
4.4.3	Motivos apontados.....	95
4.4.4	Travar ou deixar.....	97
4.5	A cultura portuguesa	
4.5.1	Música.....	99
4.5.2	Literatura.....	99
4.5.3	Cinema.....	100
4.5.4	Outras.....	101
4.6	A cidade de Évora	
4.6.1	Évora face ao exterior.....	102
4.6.2	A universidade.....	104
5	CONCLUSÕES	106
	BIBLIOGRAFIA	110
	ANEXOS	115

AGRADECIMENTOS

Ao longo deste trabalho várias foram as pessoas que directa ou indirectamente contribuíram para que ele chegasse a bom porto.

As enormes dificuldades em conciliar a vida profissional e familiar com a vida académica foram a nota dominante ao longo de todo este tempo.

Não esqueço portanto, aqueles que neste quadro me ajudaram, em momentos em que quase pareceu impossível poder prosseguir.

Cada um à sua maneira, são estas as pessoas que me lembro neste momento terem contribuído de uma forma ou de outra, para este trabalho se ter tornado uma realidade: Rodolfo Banha, o meu pai, falecido durante o curso; Francisca Fialho; Maria Luísa Banha; Vanda Pereira; Catarina Matos; Sara Abreu; Mariana Marques; Miguel Silva; Dr^a. Noemi Marujo; Prof. Silvério Cunha; Prof. Fátima Nunes; Prof. Eduardo Figueira; Prof. Augusto da Silva; Prof. Domingos Braga; Prof. Carlos Alberto Oliveira; todos os estudantes que participaram, sobretudo os entrevistados dos quais vou, no entanto, omitir o nome, tal como lhes prometi; pela sua reconfortante e animadora presença, os meus filhos João Guilherme e Maria Leonor; e...claro... o Prof. Francisco Martins Ramos, orientador deste trabalho.

À memória do meu pai

“O que é místico é que o mundo exista, não como o mundo é”

LUDWIG WITTGENSTEIN

1-INTRODUÇÃO

1.1 O tema e sua motivação

No âmbito do mestrado em Sociologia da Universidade de Évora, designadamente para o trabalho de dissertação final, encontrei-me perante o desafio de escolher um tema pertinente, utilizando a metodologia adequada. Escolhi como tema “Os Jovens e a Cultura - Práticas Culturais dos Estudantes de Sociologia da Universidade de Évora”, cuja abordagem procura verificar e conhecer como estes jovens encaram a cultura e de que forma é que ela entra nos seus quotidianos.

Para além do gosto pessoal e do profundo interesse que estas matérias sempre me suscitaram, há um conjunto significativo de motivos para se poder concluir que um trabalho desta natureza se possa revestir de algum interesse, ao nível académico, mas também para as instituições ou entidades que tenham entre as suas missões promover as práticas culturais, ou alargá-las a públicos, designadamente jovens.

As práticas culturais estão hoje, no nosso país, ao dispor de praticamente todos os jovens. A opção por elas ou não, prende-se com diversos factores das mais variadas índoles, aos quais as razões sócio-económicas não serão alheias. Uma forte prática cultural também é normalmente sinónimo de desenvolvimento, pelo menos no conceito mais comum que dele temos.

Nos países do chamado primeiro mundo é cada vez mais consensual ver a cultura como um elemento determinante na formação da pessoa humana, tanto numa perspectiva de mera realização pessoal, como mesmo numa óptica sócio-profissional, sendo factor preponderante quer do processo motivacional, quer da hoje tão falada “inteligência emocional”, a qual bebe muito da sua essência na base cultural do seu portador. Num patamar mais amplo, a cultura constitui também elemento agregador da sociedade humana, sendo hoje um extraordinário factor de coesão dos povos, eventualmente mesmo o último refúgio da identidade das nações, envolvidas que estão num acelerado processo de globalização.

O nosso país que, com avanços e recuos, vai trilhando o seu caminho de aproximação àqueles que apresentam índices de bem estar mais elevados, tem, por maioria de razão, muito a beneficiar em levar a cabo uma forte aposta no vector cultural, a qual, como é óbvio, deve sobretudo incidir na sua juventude.

Com a massificação do ensino e em particular do ensino superior, a Universidade parece hoje em condições de patentear alguma representatividade da juventude do país – deixou de ser frequentada apenas por uma elite - e como tal barómetro dos seus aspectos culturais, ainda que levando em conta tratar-se de um grupo com acesso eventualmente mais facilitado, sob diversos pontos de vista, a bens culturais ainda hoje inacessíveis a muitos outros jovens.

Razões pragmáticas obrigaram-me a centrar o trabalho num restrito lote de jovens universitários, os estudantes de Sociologia da Universidade de Évora, os quais, acabaram por constituir um grupo capaz de fornecer alguns elementos de análise interessantes.

1.2 De que se fala quando se fala de cultura ?

É imperioso esclarecer que o conceito de cultura subjacente a este trabalho prende-se única e exclusivamente com o aspecto artístico-literário da mesma, pois tudo o que fuja a essa vertente seria de uma amplitude de todo incompatível com os objectivos deste estudo, que não quer, longe disso, dissertar acerca das diferentes noções de cultura, nem definir o que ela é ou como se forma. Neste trabalho, cultura é entendida como leitura de livros, audição de música, idas a espectáculos nomeadamente de cinema, teatro, dança e música, ou frequência de museus e exposições, não perdendo de vista a forma como estes jovens interagem ou não com a televisão, veículo preponderante de aspectos da mais variada ordem e significância no ser humano da segunda metade do sec. XX e neste sec.XXI. Em suma: aborda-se a cultura dita urbano-elitista.

Encontra-se aqui pois alguma afinidade com a aceção de cultura que a vê como um conjunto de produtos e práticas que se distinguem das restantes formas culturais pelo seu valor estético, por oposição a uma noção mais antropológica que a considera um determinado modo de vida, abarcando todas as actividades humanas (BALSA 2001).

Obviamente isto não invalida que práticas ou hábitos culturais relacionados com manifestações artísticas populares ou do campo do folclore sejam tratados absolutamente no mesmo plano como se do mais sofisticado e inovador espectáculo se tratassem. Não se pretende é fugir do âmbito daquilo que sejam práticas consubstanciadas em espectáculos, leituras, exposições e afins.

Não se procura pois segregar os conceitos de cultura de massas e cultura elitista, que exigiriam critérios valorativos que o investigador não está orientado para definir.

Neste trabalho procura-se identificar e caracterizar a prática cultural, independentemente de se tratar de um espectáculo de música ligeira, de um grupo de rock ou de uma orquestra sinfónica, para referir o exemplo da música, não deixando de se considerar e abordar vicissitudes inerentes aos vários estilos de espectáculos ou bens culturais com que estes jovens contactam, e diferenciar os mesmos sempre que essa diferenciação se revele significativa para a caracterização dos hábitos e práticas culturais que se pretende efectuar.

1.3 Pressupostos

Como base de trabalho é necessário observar antes de mais, que existem hoje condições de difusão cultural que ainda há poucos anos atrás pareceriam surreais. Com efeito, o desenvolvimento dos meios de comunicação e sobretudo as novas tecnologias de informação passaram a permitir um acesso fácil, rápido e por vezes barato a bens culturais outrora inacessíveis. A própria produção cultural alterou consideravelmente a sua configuração, tanto a nível de suportes utilizados, como no aproveitamento de novas oportunidades estéticas.

Por outro lado, a melhoria das condições de vida dos Portugueses, particularmente desde a adesão à então chamada Comunidade Económica Europeia, também contribuiu para que a juventude estudantil, e não só, passasse a dispor de uma muito maior capacidade de aquisição de bens culturais, que quando bem aproveitada permite um incremento significativo da sua bagagem cultural, potenciando até uma espécie de “novo-riquismo da alfabetização”, tal como Luísa Schmidt lhe chamou (SCHMIDT 1993).

Também a já referida generalização do acesso ao ensino superior, ocorrida ao longo da última década e meia, alterou substancialmente a caracterização dos nossos jovens, que por via da deslocalização ou do simples contacto com colegas de diferentes origens geográficas e sociais, abriram consideravelmente os seus horizontes e passaram a ter ao seu dispor uma possibilidade de troca de experiências e conhecimentos vedada a anteriores gerações, salvo no tocante a pequenas elites que também, ao se auto-limitarem muitas vezes a comunicar entre si, acabavam por estabelecer um circuito fechado do qual pouco extraíam

em termos daquilo a que se poderia chamar a sua amplitude sócio-cultural. A este propósito será lícito esperar que dada a grande heterogeneidade geográfica (e não só) da população universitária, um estudo realizado numa universidade em relação aos seus estudantes possa dispor de algum grau de representatividade da juventude em geral, outrora absolutamente inexistente.

Casimiro Balsa defende que não se verifica uma grande distinção entre o comportamento cultural dos estudantes universitários quando comparado com o de outros jovens da mesma faixa etária, não se notando o que ele chama de “efeito escolar” na juventude do nosso país (BALSA 2001). O mesmo autor, seguindo a linha de pensamento de Pierre Bourdieu, adianta também que é a origem sócio-económica que mais explica a maior ou menor prática cultural de todos, incluindo os jovens, estudantes ou não (BALSA 2001).

Um outro pressuposto que me parece inquestionável prende-se com a já antes referida fortíssima influência que a indústria cultural anglo-americana, com os seus poderosíssimos meios de produção e distribuição, mormente ao nível dos audiovisuais, exerce sobre a generalidade dos jovens do mundo inteiro, moldando o essencial das suas práticas não apenas culturais mas inclusivamente sócio-civilizacionais. Não é pretensão deste trabalho confirmar este aspecto já que o mesmo se me afigura óbvio, mas sim descobrir até que ponto estes jovens estarão conscientes dessa influência, se ela os perturba ou se fazem algo para dela se defender, ou ainda que medidas achariam pertinentes para um possível combate a ela.

Um último aspecto digno de nota é a particularidade de estes jovens viverem numa cidade que parece situar-se num plano um pouco acima da generalidade das cidades de idêntica dimensão em termos de oferta

cultural. Com efeito, deve ter-se em consideração que Évora, cidade de um interior desertificado e deprimido, para além do seu esplendoroso património histórico-arquitectónico, dispõe de várias galerias de arte, de uma academia de música, de uma companhia de teatro de grande prestígio a nível nacional que integra também uma escola de actores, de uma companhia de dança contemporânea, de um cine-clube, de uma Universidade que oferece cursos de estudos teatrais, estudos musicais e artes visuais, de diversas entidades de carácter cultural como a Fundação Eugénio de Almeida, Sociedade Joaquim António de Aguiar ou a Fábrica da Música. Por outro lado, tem apresentado nos últimos anos ao público eventos como a Bienal Internacional de Teatro de Marionetas (BIME), o Festival Internacional de Curtas-Metragens (FIKE), o Festival Évora Clássica, os Encontros de Jazz de Évora, diversas exposições, feiras do livro para além das visitas da Companhia Nacional de Bailado, do Ballet Gulbenkian, entre outros acontecimentos de carácter pontual e para além das regulares programações de teatro e cinema, que com maior ou menor qualidade vão proporcionando a quem nela habita a possibilidade de um contacto permanente com uma realidade cultural afastada de muitas das cidades portuguesas do interior, e algumas mesmo do litoral populoso e economicamente mais próspero.

1.4 As perguntas de investigação

Raymond Quivy aconselha qualquer investigador a estabelecer o ponto de partida do seu trabalho sob a forma de uma pergunta clara e objectiva (QUIVY 2003). Essa pergunta, conforme nos diz Francisco Martins Ramos, pode assumir várias formas tais como: “O que?”, “O quê?”, “Quais?”, “Porquê?” ou “Como?” (RAMOS 2003). Deste modo a pergunta de investigação básica deste trabalho poderá ser assim formulada: “Quais são as práticas culturais dos estudantes de Sociologia da Universidade de Évora?” ou expresso de uma outra forma “Como vivem os estudantes de Sociologia da Universidade de Évora a sua relação com a cultura?”.

Num plano subjacente a estas, poderiam surgir mais algumas outras questões, o que acabou por acontecer, quer colocadas intencional e aprioristicamente, quer suscitadas no decorrer da própria investigação como resultado da interacção entre o investigador e a população estudada.

No grupo das primeiras poder-se-á incluir o interesse em saber como reagem à omnipresença da já falada componente anglo-americana nas práticas culturais da maioria da juventude actual e à qual eles também não serão certamente imunes, ou de um modo mais lateral mas não menos importante, descobrir se a oferta cultural da cidade de Évora, onde afinal vivem a maior parte do seu tempo, satisfaz estes jovens. No grupo das segundas, aquelas que surgiram após o desenrolar do trabalho de campo, poder-se-iam situar a identificação das causas de uma considerável preferência pela música como forma de expressão artística eminentemente jovem e “para jovens”, as causas de um desprezo muito pronunciado por formas de expressão como o teatro ou as artes plásticas,

ou ainda se o facto de a maioria destes jovens ocuparem preferencialmente os seus tempos livres junto de amigos, e em comunidade, lhes retira tempo para algumas práticas culturais, ou pelo contrário, acaba por resultar como estímulo a essas mesmas práticas, nomeadamente através das referências partilhadas ou por exemplo idas a espectáculos em grupo.

1.5 Objectivos

O objectivo fundamental desta investigação é caracterizar, ainda que de forma necessariamente sucinta, a relação deste grupo de jovens, os estudantes do curso de Sociologia da Universidade de Évora com a cultura, ou seja em que medida e sob que formas ela entra no seu dia a dia.

Com a elaboração deste trabalho pretendo também contribuir, por modestamente que seja, para um maior conhecimento relativamente a estes jovens, o que poderá ter alguma utilidade para a própria Universidade e em particular para o seu Departamento de Sociologia.

Seria certamente pretensioso da minha parte almejar a qualquer veredicto acerca da alegada ignorância da juventude actual ou pretender desmistificar os rótulos de “rasca” e afins com que os jovens, particularmente os estudantes, têm sido brindados ao longo dos últimos anos, ou ainda desenvolver teorias acerca das suas opções estéticas que me iriam obrigar a entrar por caminhos de valorização sempre questionáveis e em relação aos quais não me sinto competente, muito embora neste aspecto não possa deixar de considerar diferenças entre autores e artistas conceituados e apreciados pela generalidade da crítica da especialidade e que marcaram posições de destaque no desenvolvimento de formas de expressão culturais, e outros que, embora povoando amplamente os meios de comunicação, não recolhem o mesmo reconhecimento por parte dos entendidos, nem ficarão provavelmente com o seu nome registado na história, dado tratarem-se muitas vezes de fenómenos meramente conjunturais e de natureza eminentemente mercantil.

Dado não ser viável recolher elementos nesse sentido, irão também permanecer sem resposta as ideias de que os jovens não universitários tenham eventualmente hábitos culturais mais pobres ou de que os estudantes da área das ciências humanas - que obrigam normalmente a leituras mais reflexivas e a um conhecimento do homem, da sua história e das suas vivências mais acentuado do que ciências cujo elemento central são os frios cálculos matemáticos - apresentem uma maior propensão para a cultura que os restantes, temas sem dúvida interessantes mas que permanecerão fora do âmbito do estudo.

2- ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Para este capítulo optei por considerar duas vertentes distintas. Por um lado, um enquadramento relativo a aspectos metodológicos, onde são referidos os autores cuja leitura permitiu articular a estrutura do estudo. Num segundo ponto é tratada a temática propriamente dita, com a abordagem de autores que estudaram temas de algum modo relacionados com o deste trabalho, e que foi possível encontrar na pesquisa efectuada em organismos vários, tais como a Universidade de Évora, Instituto Português da Juventude, Câmara Municipal de Évora e Ministério da Cultura, e respectivas bibliotecas, para além da imprescindível busca na Internet, e de referências várias a que fui tendo acesso ao longo do trabalho..

2.1 Base Metodológica

Dado o tipo de trabalho escolhido, a base teórica relativa à metodologia apresentada assume uma relevância incontornável.

Para além dos resumos das aulas da componente lectiva do curso de mestrado, designadamente do docente da cadeira de Métodos de Investigação para Ciências Sociais e orientador deste trabalho, poderei identificar como fundamentais cinco obras que, sem sombra de dúvida, significam uma preciosa ajuda relativamente aos aspectos metodológicos de uma investigação deste tipo.

Como elemento preponderante de auxílio na interpretação das várias fases do processo de investigação e elementar para investigadores principiantes, como é o caso, há que referir o “Manual de Investigação em Ciências Sociais” de Raymond Quivy. Trata-se de uma obra de consulta muito acessível, cujos temas são tratados numa óptica bastante clara e objectiva, respondendo na maior parte das vezes com grande rapidez, a qualquer questão que leve o investigador a consultá-la. Também a “Metodologia das Ciências Sociais”, um trabalho editado originalmente em 1986 e coordenado por Augusto Santos Silva e José Madureira Pinto com a colaboração de diversos autores, constitui um interessante elemento de apoio relativamente aos métodos a seguir, nomeadamente quanto a aspectos relacionados com a recolha de informação, da autoria de António Firmino da Costa, ou a análise de conteúdo abordada por Jorge Vala. Também o primeiro capítulo da autoria do próprio Augusto Santos Silva fornece elementos de grande utilidade, particularmente para

o investigador inexperiente, como a ruptura com o senso comum imprescindível de fazer para quem se propõe levar a cabo um estudo de natureza científica.

Embora direccionado preferencialmente para aspectos do campo da literatura ou da linguística, é também possível extrair elementos interessantes do livro de Umberto Eco, autor famoso enquanto semiólogo e romancista, intitulado “Como se faz uma tese em Ciências Humanas” editado originalmente em 1977 e que ajuda desde logo na correcta escolha de um tema ajustado ao fim a que se destina e ao perfil do investigador, levando-o a evitar projectos de algum modo megalómanos que normalmente são os primeiros a ser pensados por quem tudo querendo considerar, não tem a experiência científica necessária para se defender de eventuais críticas. Umberto Eco foca ainda questões que, parecendo menores, se revelam todavia obstáculos frequentes e difíceis de superar, como sejam uma correcta abordagem da utilização das línguas estrangeiras ou os critérios aplicáveis às citações, tão recorrentes em trabalhos deste género.

Não poderia de modo nenhum excluir Adérito Sedas Nunes, que em “Questões Preliminares sobre as Ciências Sociais” conduz quem se propõe a dar os primeiros passos por estes terrenos, procurando definir o que são Ciências Sociais e parametrizar as abordagens que as tomem por objecto de estudo.

Devo ainda referir Judith Bell e o seu manual “Como se faz um projecto de investigação”, também de grande utilidade ao longo do trabalho.

Nomearia ainda alguns autores cujas ideias foram sendo citadas ao longo das aulas da componente lectiva do curso e que ocupam lugar de destaque no que a questões metodológicas diz respeito, são os casos de Creswell ou Pitt-Rivers.

Consultei também amplamente trabalhos de colegas de anos anteriores, que me ajudaram, sobretudo numa fase inicial, a fazer a “ponte” entre a teoria estudada e a aplicação prática dos conceitos.

2.2. Autores e estudos sobre o tema

Têm sido publicados no nosso país diversos estudos que de uma forma directa ou indirecta se relacionam com a temática escolhida para este trabalho, quer pela semelhança da metodologia envolvida, quer por tratarem questões passíveis de se enquadrarem nesta abordagem.

Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada desenvolveram um trabalho chamado “os Jovens e a Leitura nas vésperas do sec XXI” que pese embora as diferenças metodológicas e de dimensão transmitiu algumas ideias a este trabalho, até pela similaridade do tema, se bem que neste caso apenas virado para a leitura, a mais clássica das práticas culturais.

Augusto Santos Silva com a colaboração de Helena Santos procedeu a um inquérito na área metropolitana do Porto acerca de práticas e hábitos culturais chamado “Prática e representação das culturas”, que para além deste aspecto específico aborda de uma forma mais ampla a ocupação dos tempos livres dos inquiridos.

O Instituto das Ciências Sociais em colaboração com o Instituto Português da Juventude e a Secretaria de Estado da Juventude têm editado com regularidade estudos acerca dos jovens nas suas mais variadas vertentes, de entre os quais saliento o número seis da colecção “Estudos da Juventude”, publicado em 1993 da autoria da já citada Luísa Schmidt e denominado “A Procura e Oferta Cultural e os Jovens”, que através de uma interessante análise quantitativa aborda aspectos como a frequência de espectáculos, museus, hábitos de leitura, compra de jornais entre outros, chegando a conclusões curiosas como a forte afirmação da procura cultural juvenil face à adulta ou o grande poder assumido por

aquela a que a autora chama de “cultura doméstica”, ou seja a assimilada sem sair de casa. Já o número anterior da mesma colecção, da autoria de José Luís Casanova, fala-nos da composição social dos estudantes universitários e seus valores. Ainda do Instituto Português da Juventude, a análise “Juventude em Números” faz uma breve alusão aos hábitos culturais dos jovens, chegando à dramática conclusão de que quase metade deles confessa não ter hábitos de cultura alguns.

Em 1986, por sua vez, também Jorge Gaspar havia desenvolvido um estudo acerca de hábitos e práticas culturais, mas abarcando toda a população portuguesa.

José Machado Pais, autor que tem dedicado grande parte do seu trabalho ao estudo dos jovens, efectuou em 1995 um amplo “Inquérito aos Artistas Jovens Portugueses”, procurando sobretudo entender como eles se viam a si próprios e como entendiam a sua relação com os mecanismos de produção e distribuição artística. Dentro da mesma linha, Maria de Lourdes Lima dos Santos coordenou uma análise sociológica ao mundo da arte jovem, incidindo sobre artistas em início de carreira e apelidada de “Mundo da Arte Jovem: Protagonistas, Lugares, Lógica e Acção”.

Também será de salientar o trabalho de Maria Adelaide Rocha, editado pela Fundação Calouste Gulbenkian e intitulado “Conferência sobre a situação, problemas e perspectivas da Juventude em Portugal: Contributo para o estudo dos tempos livres do jovem”, cuja temática é análoga ao trabalho coordenado por Manuel Villaverde Cabral e José Machado Pais, no ano 2000, também acerca da ocupação dos tempos livres da juventude.

Há ainda a destacar um trabalho de vários autores, entre os quais A. Joaquim Esteves e João Teixeira Lopes, editado em 1998 pela Afrontamento, e intitulado “Práticas e aspirações culturais: os estudantes da cidade do Porto”, que embora com uma abordagem ligeiramente

diferente e mais ampla do conceito de cultura, encontra alguns pontos de contacto com este estudo.

Outro trabalho de vários autores, mas já em 2004, entre os quais José Madureira Pinto, Maria de Lourdes Lima dos Santos, António Firmino da Costa, João Teixeira Lopes e Augusto Santos Silva, reflecte sobre os “Públicos de Cultura”.

Especificamente sobre estudantes universitários foi o trabalho de 2001 desenvolvido pelos autores Casimiro Balsa, José António Simões, Pedro Nunes, Renato do Carmo e Ricardo Campos, e intitulado “Perfil dos estudantes do ensino superior –Desigualdades e diferenciação”, que engloba um extenso capítulo dedicado às práticas culturais, comparando-as com outros estudos acerca da restante população jovem e também com a população total do país.

Finalmente gostaria de referir dois trabalhos apresentados nesta Universidade que também nos falam de jovens estudantes, embora em ópticas diferentes da que me proponho efectuar. António Percheiro dos Santos elaborou uma tese sobre os sistemas de valores dos jovens universitários, enquanto que, como dissertação final para este mesmo mestrado em Sociologia, Sandra Saúde, no ano de 1998, tratou dos valores e aspirações profissionais dos jovens, designadamente os estudantes do ensino secundário do distrito de Beja.

Fora do contexto português, é de referir que Pierre Bourdieu inclui na sua vasta obra vários trabalhos em torno da cultura. De entre eles, destacaria dois, um em colaboração com Jean-Claude Passaron, de 1977, intitulado “Les Héritiers: Les étudiants et la culture”, que estuda os hábitos culturais dos estudantes em função da sua proveniência sócio-económica, conseguindo relacionar essas duas variáveis, e o outro de 1979 “La Distinction: Critique sociale du jugement” que além das práticas culturais

entra também no tratamento de aspectos ligados à afirmação de identidades, moda e estatuto social, e a forma como os mesmos interagem na ocupação dos tempos livres ou nas escolhas culturais.

Extremamente importante é também o trabalho dos autores da chamada “Escola de Frankfurt” e seus seguidores, como sejam Theodore Adorno, Horkheimer ou Walter Benjamin, designadamente quando tratam de temas relacionados com a cultura, como sejam a definição dos conceitos de indústria cultural ou de espaço público, e todas as reflexões em seu redor.

3 - METODOLOGIA

3.1 Unidade de análise

Conforme se afere do próprio título deste trabalho, a unidade de análise deste estudo é o grupo dos estudantes de Sociologia da Universidade de Évora.

Resultaria provavelmente mais conclusiva uma investigação que pudesse envolver todos os estudantes da Universidade de Évora, ou melhor ainda se englobasse todos os estudantes do país. Contudo, as limitações de tempo e paralelamente a necessidade de restringir o campo de estudo pelo receio de que a investigação pudesse ficar ferida de alguma superficialidade, levou-me a optar por tomar como objecto apenas esta pequeníssima parcela da juventude, a qual no entanto, penso poder ser susceptível de proporcionar conclusões suficientes para uma reflexão sobre o tema.

Convém explicitar que ficaram de fora do âmbito desta análise os estudantes de mestrado ou doutoramento ainda que na área de Sociologia, pois as diferenças etárias ou mesmo geracionais, bem como a situação profissional da generalidade destes últimos, conduziria certamente a algum ruído nos resultados da investigação.

Por motivos meramente instrumentais ou operacionais, nomeadamente a dificuldade de estabelecer contacto, restam também de fora do grupo

considerado, aqueles que, embora estudantes da licenciatura em Sociologia na Universidade de Évora, hajam já concluído a fase curricular e estejam apenas a elaborar o seu trabalho de fim de curso, e ausentes na maioria dos casos.

3.2 Opções metodológicas

Com vista ao eficaz tratamento do tema em questão, a solução que oferece a possibilidade de dispor de dados que permitam responder às perguntas de investigação previamente colocadas, passa por uma harmonização dos modelos qualitativo e quantitativo, neste especificamente do tipo não experimental descritivo.

Raymond Quivy aconselha o método de recolha de dados do inquérito por questionário para sempre que esteja em causa “o conhecimento de uma população enquanto tal: as suas condições e modos de vida, os seus comportamentos, os seus valores ou as suas opiniões” (QUIVY 2003:189) e refere também que os inquéritos por questionário, por norma, são acompanhados por métodos de análise quantitativa (QUIVY 2003). Como se pode verificar, o tema em análise, “Práticas culturais dos estudantes de Sociologia da Universidade de Évora”, pretende precisamente estudar modos de vida e comportamentos de uma população enquanto tal, pelo que seria inevitável neste caso a utilização do método de inquérito por questionário.

Por outro lado, o mesmo Raymond Quivy refere também que deverá ser empregue preferencialmente o método da entrevista, associado ao paradigma qualitativo, quando se procure “a análise do sentido que os actores dão às suas práticas e aos acontecimentos com os quais se vêm confrontados”, por exemplo, “as leituras que fazem das suas próprias experiências” (QUIVY 2003:193). Ora tendo presente o objectivo principal deste estudo, caracterizar a relação deste grupo de jovens com a cultura, tendo presente que dessa caracterização se procuram extrair conclusões acerca do nível de satisfação face à oferta cultural da cidade de Évora,

bem como do grau de consciência acerca da influência anglo-americana no seu perfil cultural, torna-se extremamente relevante proceder a entrevistas que possam permitir um olhar de maior densidade sobre a questão, entrando de certa forma pela pesquisa da justificação de determinadas atitudes face à cultura, ou seja os “porquês” deste ou daquele comportamento cultural, desta ou daquela opção estética.

Para além das razões apontadas, insuficiências científicas do investigador quanto a aspectos fundamentais da investigação quantitativa, designadamente da elaboração e sobretudo do tratamento da informação resultante da aplicação do método do inquérito por questionário, inviabilizam um inquérito profundo e inequivocamente conclusivo que permita extrair tudo o que se pretende deste estudo. Sobre este aspecto Judith Bell diz peremptoriamente que “investigadores que tiverem conhecimentos estatísticos limitados não deverão aventurar-se em estudos altamente complexos que envolvam técnicas estatísticas avançadas” (BELL 2002:157).

Além do mais, segundo Virgínia Ferreira, “parece metodológica e epistemologicamente razoável afirmar que o uso sociológico do inquérito deve ser feito em articulação com outras técnicas” (FERREIRA 2003:195).

Assim, o processo de investigação utilizado para fazer face aos objectivos deste trabalho foi fundamentalmente constituído por quatro fases, no que ao trabalho de campo diz respeito.

A primeira fase incluiu contactos exploratórios, designadamente com três professores da área, com a finalidade de obter sugestões para a construção do inquérito por questionário e do guião da entrevista.

Na segunda fase, utilizei uma abordagem do tipo quantitativa não experimental descritiva, através de um inquérito por questionário não

muito extenso e passível de ser analisado tão somente à luz dos conceitos mais básicos da estatística, a ser distribuído durante as aulas, pelo que se poderá falar de uma amostra, neste caso do tipo não probabilístico accidental uma vez que o processo de escolha é arbitrário. Foram inquiridos 75 estudantes dos quatro anos do curso.

Optei por um tipo de perguntas bastante objectivo, de rápida resposta e no menor número que fui capaz de apresentar, de modo a permitir uma adesão, tanto quanto possível, significativa por parte dos estudantes.

Este inquérito por questionário permite chegar a uma espécie de “moldura envolvente” aos dados de maior densidade de análise a recolher através de entrevista, sendo esta então a “fotografia”.

Numa terceira fase procedi à análise dos dados recolhidos através do inquérito.

Finalmente, parti então para as entrevistas, com base num guião pré-estabelecido e complementado-o com a utilização dos dados obtidos no inquérito. As entrevistas foram individuais do tipo semi-estruturado, e efectuadas a estudantes de todos os anos em igual número (dois por ano) e procurando respeitar, embora não necessariamente de modo muito rigoroso, a repartição entre os sexos do número global dos estudantes antes inquiridos, acabando por ser entrevistados sete estudantes do sexo feminino e um do sexo masculino, dada a assimetria existente nos grupo dos inquiridos, e de acordo com algumas limitações de disponibilidade que se vieram a verificar no grupo dos escolhidos.

3.3 Recolha de Dados

3.3.1 O questionário

3.3.1.1. Elaboração do questionário

O questionário que serviu de base a este trabalho foi construído a partir da minha percepção daquilo que pudessem de algum modo constituir os elementos básicos das práticas culturais de um jovem nos dias de hoje, sedimentada pelo aconselhamento recolhido junto de vários professores universitários, quer quanto ao tipo de questões, quer quanto à forma como elas deveriam ser colocadas.

Desde logo foi claro que não haveria necessidade de qualquer tratamento estatístico mais aprofundado, designadamente recorrendo a sistemas de informação especializados como o SPSS, pois o tipo de dados recolhido seria perfeitamente passível de ser tratado apenas de forma aritmética.

Pretendendo extrair deste inquérito apenas uma panorâmica global que posteriormente fosse capaz de me auxiliar nas entrevistas a efectuar, não havia necessidade de aprofundar muito os relacionamentos entre dados, pois não estava em causa nenhuma questão interrelacionada entre os mesmos.

O tipo de questionário que segui, procurou ser equilibrado, tanto em termos de dimensão, como na relação entre questões fechadas e questões abertas, de modo a poder não só tirar conclusões sob o prisma

quantitativo como também procurar identificar aqueles que numa eventual entrevista mais pudessem contribuir para o enriquecimento da análise.

Os questionários deixaram campos facultativos para a identificação e a idade, a qual pode também tomar em linha de conta para efeitos do processo de selecção dos entrevistados.

Quadro 1 - Identificação

NOME (facultativo)	
IDADE (facultativo)	<input type="text"/>
ANO	<input type="text"/>
	Sim Não
Disponibilidade para entrevista	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>
Em caso afirmativo, contacto:	tel- _____
	mail- _____

Fonte: Inquérito do autor (2005)

3.3.1.2 Critérios de recolha

A aplicação e recolha dos questionários teve lugar entre o dias 10 e 12 de Maio de 2005, e foi levada a cabo em aulas dos vários anos do curso, uma aula de cada ano, sempre de cadeiras obrigatórias, ou cadeiras em que todos os alunos do respectivo ano se encontravam inscritos.

Por uma questão meramente logística e de conveniência, relacionada com o horário das respectivas aulas e com a tentativa de as concentrar o mais

possível dentro de um curto período de dias devido às limitações de tempo resultantes da minha vida profissional, foram escolhidas as disciplinas de Antropologia II para o primeiro ano, Sociologia da Religião para os alunos do segundo ano, Sociologia da Comunicação para o terceiro ano, e ainda Sociologia das Organizações para os alunos do quarto ano, tendo para isso contado com a total receptividade e colaboração dos respectivos docentes.

Deixei de fora todos os alunos que nesses dias não frequentaram essas aulas, constituindo assim uma amostra por conveniência, no total de setenta e cinco alunos, que foram portanto a minha base de trabalho.

O detalhe dos alunos por turma resultou em dezoito do primeiro ano, quinze do segundo, vinte e três do terceiro e dezanove do quarto. O número mais elevado de alunos do terceiro ano prendeu-se com o facto de a aplicação do questionário ter decorrido imediatamente a seguir a um teste de avaliação, dado que o investigador desconhecia à partida.

3.3.1.3. As questões

Foram incluídas no questionário trinta e seis questões, das quais dezanove de escolha múltipla, embora muitas delas permitindo várias opções simultâneas, não tendo sido colocada aos estudantes quaisquer limitações acerca do modo como responder.

Procurei, ainda que não de modo formal, segmentar o questionário em áreas de expressão cultural e artística como a literatura, o cinema, a música, as artes plásticas e o teatro, passando pela abordagem do

fenómeno televisivo, e terminando com a cidade de Évora, sua oferta cultural e principais locais a ela ligados.

As nacionalidades, várias vezes solicitadas ao longo do questionário, quer de músicos, actores de cinema, ou outros artistas, foram fundamentais para o tratamento de uma das perguntas de investigação, designadamente a da hegemonia anglo-americana nas práticas culturais destes jovens e o seu grau de consciência ou de reacção face a elas.

Questões mais abertas como “qual o filme da sua vida ?” ou “qual o livro de que mais gostou até hoje ?”, acabaram por se tornar úteis apenas na medida em que serviram para complementar o processo de escolha dos estudantes a entrevistar e, mais tarde, na própria entrevista, funcionaram como elemento importante de uma conversa que se pretendia o mais aprazível possível, constituindo tema de ligação com as questões mais objectivamente relacionadas com os resultados a alcançar , e contribuindo assim para afastar do horizonte qualquer nuvem inquisitorial que pudesse ser lançada sobre os entrevistados.

Foi posta ainda a hipótese de os inquiridos poderem afirmar quaisquer outras ideias ou elementos relacionados com o tema, numa questão de certa forma residual, sobre a qual no entanto, muito poucos se pronunciaram.

3.3.1.4 Receptividade

A receptividade e colaboração prestada tanto pelos docentes, permitindo interromper as suas aulas por períodos nunca inferiores a 20 minutos, como pelos alunos, dispendo-se nalguns casos a sair mais tarde da sala

de modo a completar o inquérito, foi total e revelou-se extraordinariamente gratificante, só com ela se tornando possível o desenrolar do trabalho tal como havia sido idealizado e projectado .

Ao contrário do que inicialmente temi, cerca de quarenta por cento dos estudantes aceitou disponibilizar-se para a posterior entrevista, o que permitiu avançar com o estudo, dispondo de excelentes condições de selecção dos entrevistados.

Foram frequentes os pedidos de esclarecimento manifestados durante a aplicação do inquérito, o que denota o interesse e empenho posto no mesmo pela esmagadora maioria dos estudantes. E se alguns houve que acabaram por , um tanto disfarçadamente, responder às questões em grupo, ou copiar as respostas de colegas, a sua identificação, na maioria dos casos, não foi muito difícil aquando do procedimento relativo à análise dos dados.

Alguns alunos não conseguiram também evitar, que fosse bem visível o desejo de se “despacharem” o mais rapidamente possível, o que lhes era perfeitamente legítimo, não ensombrando de forma alguma o interesse genericamente manifestado pela maior parte deles.

3.3.1.5 Aspectos relevantes

Nas respostas ao questionário, e de uma forma geral, a colaboração foi franca e empenhada tendo-se notado maioritariamente a preocupação em responder com verdade às questões colocadas. Contudo algumas incoerências foram também identificadas, como a de estudantes que afirmavam ler vários livros por ano e não conheciam qualquer dos

escritores apresentados, nem eram capazes de enumerar quaisquer escritores portugueses contemporâneos.

A duração da aplicação dos questionários a cada turma foi ligeiramente superior ao previsto, chegando a atingir os quarenta minutos numa das turmas. Como havia sempre que esperar pelo último, e por vezes havia mesmo alunos a entrar quando os colegas já estavam a responder às questões, o tempo de aplicação acabou por se prolongar.

3.3.2 As entrevistas

3.3.2.1 *Metodologia utilizada*

As entrevistas foram semi estruturadas, partindo de um esboço de temas a tratar, bastante flexível, mas procurando identificar uma matriz comportamental relativamente à cultura e suas práticas ou hábitos.

Os temas tratados foram de encontro às perguntas de investigação e aos objectivos, bem como a aspectos relacionados com o questionário, quer quanto a respostas dos próprios, quer buscando o comentário aos números globais analisados e às respectivas tendências identificadas. A grande vantagem das entrevistas é justamente a sua adaptabilidade (BELL 2002). O tratamento das questões foi sendo, na medida do tempo disponível, intercalado com trocas de impressões acerca de filmes, livros ou música referida nos respectivos questionários, de modo a procurar torná-los o mais aprazíveis possível para os entrevistados, encontrando também aí alguns elementos importantes para a caracterização das

práticas culturais destes jovens estudantes, nomeadamente na vertente da construção do gosto e das preferências artístico-culturais.

Houve como preocupação fundamental da minha parte, evitar que os alunos fossem postos perante uma qualquer espécie de interrogatório, promovendo, ao invés, uma conversa tão agradável quanto possível, de modo a que se esbatesse alguma distância inicial entre as partes, e se partisse para uma conversa autêntica e franca, de onde resultasse um mais profundo conhecimento dos meus interlocutores, e seu perfil cultural, suas práticas e sua percepção acerca das práticas dos seus colegas.

A significativa amplitude de tempo de duração das entrevistas, desde quinze a cinquenta minutos, prova que de facto foram os entrevistados mais do que o entrevistador, a definir o caminho das mesmas.

Postos perante a utilização de um gravador audio, apenas uma estudante teve uma reacção inicial de algum desconforto, mas de pronto afirmou não se importar com o uso do mesmo. Todos os restantes se mostraram completamente indiferentes à presença do referido objecto.

Todas as entrevistas decorreram dentro do espaço da Universidade, num propósito de que os estudantes se sentissem absolutamente à vontade e dentro do seu habitat quotidiano de trabalho.

3.3.2.2 Critérios de escolha

A escolha dos entrevistados teve à partida a limitação decorrente do número e caracterização dos alunos que se mostraram disponíveis. Numa das turmas, por exemplo, houve apenas uma jovem a manifestar-se

disponível para ser entrevistada, pelo que nesse caso extremo nem houve necessidade de proceder a qualquer selecção.

Na generalidade contudo, existiram logo à partida, pelo menos duas ou três opções para cada possível entrevistado.

Estabeleci então o princípio de respeitar a igualdade entre os vários anos, e a representatividade dos dois sexos.

Face aos quatro anos do curso, pareceu-me correcto entrevistar dois alunos de cada ano, e uma vez que, de entre os inquiridos, o número de alunos do sexo feminino era cerca de três vezes superior ao de alunos do sexo masculino, decidi entrevistar seis alunas e dois alunos. Como os últimos dois anos foram aqueles em cuja aula estavam mais alunos do sexo masculino, cheguei ao plano final de entrevistas. Entrevistaria duas jovens do primeiro ano, duas do segundo, uma do terceiro e outra do quarto, um rapaz do terceiro e outro do quarto.

Contudo, após os vários contactos, e após algumas faltas, acabei por ter necessidade de entrevistar sete raparigas e apenas um rapaz, distorcendo ligeiramente o critério de proporcionalidade entre sexos mas, julgo, não adulterando a essência e as conclusões do estudo.

A opção inicial seria de escolher para cada ano um estudante com algumas preocupações culturais, e com uma prática cultural mais afirmativa, e o outro situar-se no extremo oposto, como alguém a quem as questões ligadas à cultura pouco dizem, de modo a perceber o porquê de um e outro comportamento, procurando também encontrar mínimos denominadores comuns. Na realidade, para além de não ter sido possível traçar com rigor essa dicotomia, as várias substituições que tive de efectuar face ao plano inicial, obstruíram de algum modo esse intento.

Aquando do estabelecimento dos primeiros contactos, verificou-se que alguns dos endereços electrónicos fornecidos, não estando expressos numa caligrafia muito clara, se tornaram inacessíveis. Como a maioria dos alunos que se disponibilizaram preferiu facultar o número de telefone, tornou-se relativamente fácil proceder às substituições respectivas, face à escolha inicial.

Mais tarde, aquando dos dias marcados para a entrevista, três ausências de entre os oito escolhidos, obrigaram a novas substituições.

Julgo contudo, ter sido possível obter um painel de opiniões suficientemente esclarecedoras quanto à postura destes jovens face à cultura.

3.3.2.3 Os entrevistados

Os entrevistados foram, tal como ficou referido acima, sete alunas e um aluno. Não tendo sido criado qualquer campo no questionário para identificação da origem geográfica dos inquiridos, foi na entrevista que procurei tomar conhecimento dessa origem.

Assim, dos oito entrevistados, cinco eram alentejanos, embora apenas dois de Évora. Os restantes três eram do centro e centro norte do país. Apenas os dois eborenses e um outro elemento também do Alentejo, viviam em termos permanentes em meio urbano, sendo os restantes provenientes de localidades de menor dimensão.

As suas idades eram compreendidas entre os dezanove e os vinte e cinco anos, sendo as mesmas genericamente proporcionais aos anos de curso, com uma única excepção, de um elemento do primeiro ano que por

indisponibilidade das restantes opções, acabou por ser seleccionado mesmo sendo dos de maior idade dentro do painel.

Quanto à calendarização da acção, a mesma seguiu o cronograma em anexo, cujos limites se prenderam com a necessidade do estudo estar concluído em Novembro de 2005, tendo também de evitar o período de férias, no qual seria impossível reunir com a maioria dos estudantes. Assim as entrevistas decorreram no mês de Junho, ao longo de três semanas sucessivas.

3.3.2.4 Receptividade

A receptividade demonstrada pelos alunos face à possibilidade de entrevista foi muito satisfatória.

Apesar de três deles terem faltado, o número total de contactados, cerca de 15, manifestou grande abertura face a datas e horários, mostrando de facto algum interesse em que as entrevistas fossem também para eles um método de aprendizagem.

Pode-se dizer mesmo que foi surpreendente a forma como até chegaram a manifestar alguma curiosidade perante o trabalho, suas finalidades e seus desenvolvimentos.

Em nenhuma das entrevistas fui confrontado com qualquer sintoma de impaciência ou desleixo da parte dos entrevistados. Com todos eles foi possível conversar de forma bastante escorrida e, pelo menos para mim, bastante agradável.

As faltas, todas de algum modo justificadas, pareceram-me uma inevitabilidade e de modo algum me surpreenderam. Há que salientar também, que as entrevistas decorreram já em período de exames, o que atesta ainda mais da receptividade demonstrada por estes jovens.

3.3.2.5 Aspectos relevantes

Na globalidade das entrevistas efectuadas, ficou patente que as características temperamentais de cada um dos entrevistados, foram extraordinariamente relevantes para a quantidade e qualidade da informação obtida.

Houve casos em que nas respostas ao questionário, parecia ser possível vislumbrar riqueza suficiente para uma abordagem do tema em maior profundidade, mas no momento da entrevista, resultado de algum acanhamento, ou menor facilidade no domínio do verbo, os jovens acabavam por deixar, em certos momentos, o seu depoimento resvalar para a superficialidade e para o lugar comum, mau grado todo o interesse evidenciado na colaboração prestada.

Ao invés, alunos cujo questionário parecia indiciar uma menor apetência e interesse por temas culturais, deram na entrevista um excelente contributo para o tratamento do tema, devido à sua maior capacidade comunicacional, e à forma franca e desinibida como abordaram, até mesmo o seu próprio afastamento face à cultura.

3.4 Análise de dados

3.4.1 Análise das respostas ao questionário

Os elementos recolhidos através das respostas ao inquérito por questionário foram alvo de tratamento informático apenas em folha de cálculo “Excel”, uma vez que a simplicidade dos dados não aconselhava a utilização do programa SPSS. Esta análise foi feita antes de se iniciar o processo das entrevistas, pois nelas foram utilizados os resultados apurados no questionário, tal como atrás já foi referido.

Neste passo foram identificadas as quantidades e percentagens de respostas às várias opções de escolha múltipla, e foram identificadas respostas repetidas no que toca aos aspectos mais descritivos, como por exemplo “o filme que mais gostou”. Nas questões onde era pedido para identificar alguns autores (escritores, cineastas, músicos ou artistas plásticos) foi dado especial ênfase à nacionalidade dos escolhidos, de forma a responder a uma das perguntas de investigação colocadas, justamente a que se prendia com a hegemonia cultural anglo-americana.

3.4.2 Análise das entrevistas

Para levar a cabo uma análise sistematizada e objectivável do teor das entrevistas, coloquei inicialmente a hipótese de recorrer aos modelos de análise de conteúdo propostos por Laurence Bardin.

Após ter levado a cabo as entrevistas, e relendo aquilo que Bardin sugeriu, cheguei à conclusão que não se ajustava a este tipo de entrevista a adopção de um plano de análise daquele género. O próprio Bardin refere que a análise de conteúdo tal como ele a trabalha, só se adequa a entrevistas não directivas (BARDIN 1994), o que não é manifestamente o caso, pois as efectuadas neste trabalho partiam de uma estrutura base, embora bastante flexível, e procuravam guiar muito claramente o entrevistado em direcção às questões que se pretendia ver respondidas, sendo assim englobáveis no domínio das entrevistas do tipo semi-directivo, seguindo a tipologia de Quivy (QUIVY 1992).

Deste modo optei por seguir um esquema de análise bastante simples, elaborando um quadro de dupla entrada com as questões constantes do guião de um lado e os nomes dos entrevistados do outro, inserindo os tópicos fundamentais, depois de ouvidas as gravações, nas quadrículas respectivas de cada resposta, procurando identificar semelhanças ou antagonismos entre as posturas dos vários estudantes, e sobretudo extrair conclusões globais capazes de identificar tendências reveladoras daquilo que se pretende caracterizar, ou seja as suas práticas e hábitos culturais.

3.4.3 Aspectos relevantes

Na análise efectuada aos questionários, foi possível distinguir desde logo alguns aspectos importantes. As questões mais abertas não resultariam muito conclusivas, uma vez que as repetições eram poucas, e grande parte delas ficava inclusivamente sem resposta. Questões como “qual o livro de que mais gostou até hoje” ou “é capaz de escolher um filme

como o da sua vida?”, não trouxeram praticamente nada à análise das respostas além de uma base para escolher os entrevistados e um alicerce para a condução das entrevistas, permitindo através da exploração de alguns gostos e valorações pessoais, partir em busca da identificação do perfil cultural dos alunos.

Outro aspecto a salientar prende-se, como já foi referido, com a inevitável incoerência de algumas respostas, nas quais se era capaz de simultaneamente afirmar ler dezenas de livros por ano, e simultaneamente não ser capaz de identificar qualquer escritor português contemporâneo. Estas situações não foram todavia de número suficientemente significativo de modo a comprometer a verosimilhança da generalidade dos dados apresentados.

Na análise das entrevistas verificou-se, conforme também já atrás ficou mencionado, que a importância dos aspectos de natureza temperamental foram determinantes na maior ou menor recolha de informação.

É ainda de salientar também, que das primeiras para as últimas entrevistas foi possível proceder a uma maior sistematização das perguntas, o que permitiu então uma maior clarificação e um enquadramento mais coerente também das respostas.

4-ESTES JOVENS E ESTA CULTURA

4.1 Retrato robot

Quando se procura encontrar um paradigma da prática cultural do estudante de Sociologia da Universidade de Évora, deparamos de imediato com um problema, que será aliás comum a muitos outros casos: a falta de homogeneidade como ponto de partida.

Com efeito, cada estudante tem a sua história, os seus estímulos, os seus gostos e os seus hábitos. Cada um povoa o seu universo pessoal com um sem número de referências dispares e por vezes contraditórias. É portanto difícil afirmar algo que procure ser uma homogeneização de certo modo forçada, de algo que é heterogéneo por natureza, como qualquer ser humano.

Neste caso particular, a situação é agravada pelo facto de estes estudantes não serem provenientes de uma mesma comunidade uniforme estável e contínua, mas sim de meios completamente diferentes, quer urbanos, quer rurais, de origens socio-económicas absolutamente diferenciadas, e as únicas coisas que têm de facto em comum, à partida, são a faixa etária relativamente próxima, e o facto de frequentarem um curso de sociologia, independentemente de ter sido essa ou outra a sua primeira escolha.

Talvez por isso, Casimiro Balsa em conjunto com outros autores, tenha chegado à conclusão que pouco ou nada diferencia os estudantes universitários do resto da população no que se refere a práticas culturais,

apresentando sinais evidentes de práticas culturais indiferenciadas e essencialmente ligadas aos media (BALSA 2001).

Todavia, do inquérito aplicado, bem como das entrevistas efectuadas, é possível extrair um padrão de fundo, de fronteiras muito pouco definidas, mas capaz de fornecer um campo global de análise à população estudada, que muito possivelmente poderá incorporar as características base daquilo que possa ser um retrato dos jovens portugueses no seu todo.

Levando em linha de conta todas estas vicissitudes, parece poder dizer-se com propriedade que o jovem estudante “tipo” deste estudo, como diria Max Weber, vive um pouco à margem de uma preocupação sustentada e regular com a sua prática cultural. Ao fim e ao cabo, segundo Raymonde Moulin vivemos numa época de “anomia estética” (LIMA SANTOS 1994 : 96), o que também influi sobremaneira na interactividade que estes jovens estabelecem com o mundo cultural.

Por norma, este estudante tipo vê alguns filmes, mais por encontrar no cinema um espaço de partilha ou comunhão com amigos e colegas, do que propriamente por ir em busca do valor estético da obra. Lê alguns livros por sugestão de amigos e colegas, ou simplesmente por deles ouvir falar com intensidade, mas transmite sempre a sensação de encarar essa prática como um mero passatempo, longe de constituir um elemento assumidamente integrante da sua forma de viver e muito menos de valorização pessoal, apesar de reconhecer na cultura toda a potencialidade nesse sentido.

O estudante-tipo deste trabalho é, genericamente de uma forma consciente, bastante vulnerável à publicidade. Em algumas das entrevistas efectuadas, a publicidade foi apontada como a grande responsável pelo caminho estético que procuravam seguir os jovens,

sendo tida como a maior influência a seguir aos amigos, no momento de escolher um filme para ver, um livro para ler ou um disco para ouvir.

A música é, como se vê mais adiante, um caso substancialmente diferente, pois será talvez a única forma de expressão artístico-cultural que incorpora em si, e no que se refere a estes jovens, uma significativa componente identitária. Nota-se em bastantes casos uma preocupação muito mais afirmativa em relação aos gostos e práticas musicais, do que face a outras artes.

Seguindo uma analogia à tipologia proposta por João Teixeira Lopes, poder-se-ia dizer que os estudantes objecto desta investigação oscilam entre os *irregulares*, cuja relação com a cultura se traduz “por uma recepção frequentemente oblíqua ou distraída, estética, mas não artística, associada, não raras vezes às indústrias culturais, ao entretenimento e aos parâmetros da “economia mediático-publicitária”, e os *retraídos*, que se movem “quase exclusivamente na esfera das práticas doméstico-receptivas e de sociabilidade local”, não sendo, senão residualmente, identificáveis quaisquer *habituais*, ou seja, aqueles onde “predominam disposições estéticas fortemente interiorizadas” (LOPES 2004 : 45).

4.2 A formação da consciência cultural

4.2.1 Referências exógenas

4.2.1.1 *Família*

A família é incontornavelmente o ponto de partida destes jovens para a formação da sua consciência cultural.

Ainda que possa não ser a referência mais marcante ou possa ser veiculada de formas indirectas, estamos a falar de jovens ainda recém saídos da adolescência, e num contexto – ensino superior - em que é verosímil esperar que a maioria deles tenha uma estrutura familiar minimamente consistente – de forma integrada ou não - capaz de, por exemplo, assumir em termos gerais o financiamento do seu curso.

Assumam-no ou não, parece ser inequívoco que os pais exercem uma enorme influência na pré-determinação da consciência cultural destes jovens, ou pelo menos estabelecem uma base, as suas margens, qual tela aguardando as pinceladas do pintor.

Este aspecto é sedimentado pelo chamado “efeito multiplicador” que faz com que o meio familiar se repercuta no grupo de amigos, na zona onde se vive, no acesso a espectáculos ou locais de consumo cultural, ampliando os hábitos culturais do meio de origem, pelo que as desvantagens do meio são cumulativas (BOURDIEU 1977) .

O contacto precoce com obras de arte, o acompanhamento a espectáculos entre outros aspectos, é um poderoso contributo para a formação cultural

dos jovens, e certamente que alguns destes estudantes poderiam ter uma outra atitude cultural, se isso lhes tivesse sido inculcado na sua infância e adolescência. O privilégio cultural é manifesto quando existe contacto precoce com as grandes obras, o que não é possibilitado senão pela família (BOURDIEU 1977)

Pierre Bourdieu, ao contrário de outros autores como Certeau, considera que esta influência manifesta-se de forma absolutamente determinante, e está associada a factores socio-económicos (BOURDIEU 1977). Deixando de lado os aspectos económicos cuja relevância não foi tomada em linha de conta nesta investigação, é contudo de aceitar que o meio familiar seja uma envolvente à qual os jovens dificilmente escapam, sendo pois reprodutora de um conjunto de preocupações e ambições culturais que condicionam ou estimulam a sua prática e vivência cultural.

Segundo o mesmo autor, os comportamentos culturais obedecem mais a determinismos sociais do que à lógica dos gostos (BOURDIEU 1977).

Bourdieu considera ainda que as estruturas sociais, e também como é natural a família, “impõem limites à acção humana, dificilmente contornáveis pelos agentes sociais no decurso das suas interacções quotidianas. Essas estruturas não só condicionam as experiências presentes mas também as futuras, sendo em grande medida o resultado das suas experiências passadas. A esta predisposição para agir de determinado modo chama Bourdieu de *habitus*” (BALSA 2001:90).

O autor francês esclarece:

“O *habitus* é simultaneamente um princípio gerador de práticas objectivamente classificáveis e um sistema de classificação (*principium divisionis*) dessas práticas. É na relação entre as duas capacidades que se define o *habitus* – capacidade de produzir as

práticas e obras classificáveis, capacidade de diferenciar e de apreciar essas práticas e esses produtos (gostos) – que se constitui o mundo social representado, quer dizer, o espaço dos estilos de vida” (BALSA 2001:91)

Só entrevistando e inquirindo os respectivos pais, se poderia no entanto estabelecer a correcta fronteira definidora da sua influência. Não pode contudo ser omitido, e muito menos negado que, directa ou indirectamente, a mesma está quase sempre presente em todos e em cada um destes jovens.

4.2.1.2 *Amigos*

Se a influência familiar surge de uma forma subliminar, a referência e influência dos amigos é o modo mais directo e objectivo como estes jovens estudantes interpretam a formação da sua consciência cultural.

Na idade em que a maioria dos inquiridos se encontra, há normalmente propensão a uma grande convivência com amigos, a uma tendência a passar os tempos livres de forma eminentemente comunitária, e em muitos casos, até a romper com a auto-percepção das referências familiares (embora estas nunca desapareçam por completo).

É significativo que, à questão acerca de como ocupavam preferencialmente os tempos livres, sessenta e cinco dos setenta e cinco inquiridos, mais de oitenta e seis por cento, tenha referido os amigos, e implicitamente o convívio com eles, como uma das formas mais procuradas para o fazer, colocando essa preferência de uma forma

claramente mais significativa do que a família, a música, ou mesmo a própria televisão.

Para além da especificidade da condição jovem, o estudante universitário tem uma vivência quotidiana, ao ritmo do calendário dos estudos, substancialmente diferente de um qualquer cidadão trabalhador. A dicotomia semana/fim de semana, ou dia/noite, é frequentemente desprezada pelo ritmo univesitário (BOURDIEU 1977).

Se por um lado isso proporciona uma maior disponibilidade para a prática cultural, face ao profissional atarefado, sobretudo, no mundo urbano, por outro reforça o estilo de convivência comunitário com aqueles que podem partilhar o mesmo tempo e o mesmo espaço.

Quadro 2

1- Como ocupa preferencialmente os seus tempos livres ?			
Tv	45	amigos	65
Radio	23	família	42
leitura	41	desporto	19
cinema	25	música	35
outros	7		

Fonte: Inquérito do autor (2005)

A quase totalidade dos jovens entrevistados é contudo peremptória em admitir, que o fruto da convivência com os amigos resulta num estímulo às práticas culturais.

Mesmo admitindo que o estilo de vida predominantemente seguido pela maioria destes jovens os leve a “gastar” a parte mais significativa dos seus tempos livres em convívio comunitário com amigos, não deixando possivelmente grande espaço para actividades como a leitura, eles sustentam que o facto de esse convívio possibilitar também a partilha de experiências, estímulos culturais, troca de referências e conhecimentos, supera em larga medida a limitação de tempo daí decorrente.

4.2.1.3 Publicidade

Ao longo das ultimas décadas, em particular nas áreas do globo economicamente mais prósperas, fomos assistindo a um extraordinário desenvolvimento da ciência e da tecnologia. Um dos sectores onde isso mais se fez sentir foi seguramente o da informação em geral, e dos media em particular.

É hoje um curioso exercício recordar aquilo que eram os meios de comunicação de há quarenta anos atrás. No nosso país, por exemplo, apenas existia um canal de televisão que emitia a preto e branco durante uma parte do dia e não chegava a muitas povoações de zonas mais isoladas do interior. Quanto à rádio, apenas estavam no ar escassas estações, duas delas estatais, com meios bastante primitivos e cuja cobertura também não atingia a totalidade do país. Circulavam vários jornais, embora sujeitos à censura antes da revolução, e a uma bastante marcada e radical militância nos anos seguintes à mesma. Os telefones móveis eram ainda um sonho e estava-se longe de imaginar o que quereria dizer a palavra “Internet”.

Nos dias que correm, em qualquer ponto do mundo, com uma simples linha telefónica e um computador pode-se estar ligado a um tremendo manancial de informação relativa a qualquer assunto. Na generalidade dos países com um nível de desenvolvimento médio, é possível em qualquer parte do seu território dispor de Internet, correio electrónico, rede de televisão por cabo ou por satélite e teletexto, para não falar nas enormes potencialidades das novas formas de comunicação móveis, também elas com um desenvolvimento tecnológico extremamente acelerado, integrando uma série de funcionalidades que há poucos anos atrás pareceriam a mais pura fantasia, enquanto que os suportes audiovisuais se desenvolvem exponencialmente, incrementando novas facetas de emissão da informação ou formas de lazer como a televisão digital e interactiva ou o DVD.

Neste contexto e também devido a factores sócio-culturais importantes, os media foram atingindo uma presença cada vez mais determinante na vida moderna, à qual dificilmente se consegue permanecer imune, desde logo pela presença da televisão nas salas da generalidade dos lares, a qual é bastas vezes veículo prioritário ou mesmo único de transmissão de valores ou cultura e elemento estruturante na formação de muitos jovens.

Também toda a chamada “indústria cultural” - tão bem definida e criticada por autores da Escola de Frankfurt como Adorno, Vattimo ou Benjamin, que a subtraíram ao conceito de cultura de massas (CORREIRA 2003) - se instalou nos nossos quotidianos, com uma sucessão de propostas tão pobres em termos estéticos quanto ricas e inovadoras relativamente aos suportes utilizados, mas com um potencial de sedução considerável sobretudo face à juventude. Esta indústria, novidade trazida pelo sec XX e com grande impacto nos últimos trinta anos, trouxe uma profunda alteração na relação da sociedade com a cultura.

O nascimento de novos suportes de informação traduziu-se na proliferação de novos canais de transmissão e com eles teve lugar uma verdadeira inundação informativa. No mundo actual não é necessário ser-se particularmente atento aos media para se ser amplamente bombardeado com inúmeras notícias, opiniões e perspectivas acerca dos mais variados temas e acontecimentos.

Os assuntos são criteriosamente escolhidos de acordo com a sua capacidade de impressionar e fidelizar o público.

Num contexto destes, a publicidade e o espaço mediático que ela ocupa, não podem deixar de ser considerados como elementos devastadoramente significantes, enquanto referências culturais para estes jovens.

Não entrando em domínios ou noções de cultura que ficaram desde logo, no primeiro capítulo deste trabalho, fora do âmbito do mesmo, cingindo-nos portanto apenas àquilo que o espaço mediático promove com intuitos comerciais ou não, é óbvio que a publicidade representa uma das mais relevantes explicações para a formação do gosto destes estudantes.

Os entrevistados foram também unânimes em admiti-lo, e quando questionados sobre aquilo que achavam mais contribuir para a sua formação cultural, e sobretudo para a dos colegas (nota-se sempre uma pequena margem de suposta imunidade auto-percepcionada), não hesitavam em apontar a publicidade como elemento indelevelmente estruturante dessa mesma formação.

Embora quando escolham um filme para ver, estes jovens se interessem em primeiro lugar, maioritariamente, por quem são os actores que o protagonizam, esta opção, num olhar mais profundo, pode ser entendida como uma apreensão subliminar de toda a gigantesca máquina publicitária que envolve a maioria nos nomes mais consagrados

do cinema, sobretudo de Hollywood, e à qual eles não são com toda a certeza imunes.

Ainda assim, as vinte e quatro referências directas à publicidade como um dos critérios de escolha prioritários, suplantando o nome do autor da obra (o que deixaria de “cabelos em pé” qualquer cinéfilo mais ativo), são relevantes da fortíssima influência da publicidade no mundo das opções culturais destes jovens.

Quadro 3

15-Qual o critério que segue quando escolhe um filme para ver ?	
Actores	45
Realizador	21
Crítica	35
Título	18
Publicidade	24
Outro	14

Fonte: Inquérito do autor (2005)

Relativamente à música, a rádio com as suas “play-lists”, ocupa o primeiro lugar destacada, enquanto critério preferencial de escolha.

Da mesma forma que o nome dos actores leva imbuído toneladas de publicidade e promoção, a rádio, ou melhor, grande parte das estações de rádio, não é outra coisa senão um veículo prioritário de promoção de discos que às editoras discográficas interessa num determinado momento vender.

Parece ser legítimo concluir que a publicidade acaba por ocupar o território de várias das opções de escolha destes estudantes, pois é ela própria que, com todo o enorme poder de que dispõe, se coloca numa posição de omnipresença em todos os possíveis veículos de chegada até ao consumidor que lhe interessa seduzir.

Quadro 4

26-Qual o critério da sua escolha ?	
Rádio	15
Publicidade	9
Critica	7
Amigos	8
Outro	9

Fonte: Inquérito do autor (2005)

4.2.2 Busca individualizada

4.2.2.1 *Vontade e identidade*

Não negligenciando toda uma panóplia de influências externas, já referidas no sub - capítulo anterior, e tendo-as como a base de toda a socialização cultural de qualquer indivíduo, e como tal também deste grupo de jovens, há ainda a considerar uma forte componente de vontade individualizada, normalmente relacionada com a construção de uma

determinada identidade e modelo de afirmação pessoal, uma “identidade proclamada” (BOURDIEU 1977), que empurra o jovem para um determinado gosto, consumo ou prática cultural.

Segundo Michel de Certeau, os actores sociais têm liberdade suficiente para ultrapassar os constrangimentos que as estruturas sociais imprimem às suas práticas (BALSA 2001), e será nesta bissectriz que se encontra a busca individualizada de uma informação e formação culturais capaz de catapultar um conjunto de práticas e hábitos culturais capazes de libertar o jovem das amarras de um precoce afastamento do universo da estética. Não é possível, como é óbvio, dissociar plenamente aquilo que são as referências exógenas e endógenas neste processo. A própria matriz identitária de que o jovem aspira comungar, é ela própria uma complexa construção, em cujo meio envolvente, a publicidade, os amigos, e directa ou indirectamente também a família, exercem um peso absolutamente determinante. Não obstante toda essa significativa envolvência, existem de facto alguns jovens, para quem a formação cultural foi e é algo que parte essencialmente da sua própria atitude.

Por vezes trata-se de uma atitude de recusa perante aquilo que é imediatamente percebido nas fontes mais próximas, que conduz a uma busca de algo que vai edificar essa ansiada identidade e afirmação da mesma.

Nos casos em que esta vertente é mais notória, o gosto parece ser sensivelmente mais afirmativo e mais elaborado, isto é, não se limita ao que é apreendido no imediato pela publicidade, pais ou colegas, mas procura algo de maior peculiaridade.

O consumo de música extrema, embora mormente associado a uma influência de amigos, parece ter também uma forte componente individualizada de afirmação identitária, e surge normalmente ligado a

fenómenos de natureza mais ampla como o modo de vestir ou mesmo de falar, os quais já fogem, todavia, do âmbito deste estudo.

Seria necessário outro trabalho, da mesma ou maior dimensão, e entrando em vectores do quadrante da psicologia, para ser capaz de descortinar se a afirmação da identidade se fará de forma mais veemente pela positiva ou pela negativa, pela integração ou pelo confronto, pela comunhão ou pela recusa.

Aqui, apenas interessa deixar claro que, seja de uma ou de outra forma, a procura de afirmação de uma identidade é também um elemento relevante do processo de formação e construção da consciência e do gosto artístico e cultural.

4.2.2.2 Internet e publicações especializadas

Quem não se quer limitar a tudo aquilo que lhe é oferecido pelas várias e múltiplas influências exteriores, e procura artistas ou espectáculos fora do arco que constitui o pilar dessas influências, tem hoje possibilidades muito maiores que há poucos anos atrás.

A Internet é hoje um fenómeno global de grande repercussão em praticamente todos os vectores da sociedade, e também os aspectos culturais, ou mais precisamente, os mecanismos da sua procura, foram revolucionados por este novo e potente instrumento.

Nos jovens entrevistados, também a Internet foi referida como um instrumento de informação e enriquecimento cultural, quer tão somente para uma decisão sobre que filme ver numa sala de cinema, consultando horários ou críticas especializadas, quer também para pesquisa mais

aprofundada sobre artistas admirados, seus dados biográficos ou outras informações relevantes, nomeadamente no âmbito da música.

Ainda houve quem referisse o recurso a publicações especializadas (sobretudo no universo da música), como forma de sustento cultural mais profundo.

4.2.3 A importância das práticas culturais

4.2.3.1 *Auto percepção*

Era vital para o trabalho ser de algum modo conclusivo, que se procurasse saber de uma forma geral, que importância achavam estes jovens estudantes ter a cultura na sua vida, e se julgavam que essa importância se situaria meramente ao nível de uma bagagem de conhecimentos adquiridos como apêndice à sua formação geral e/ou profissional, ou se, e até que ponto, seria ela capaz de ocupar um papel mais vasto, ajudando a edificar o carácter e a própria dimensão ética deles próprios em particular, e de todo o ser humano em geral.

Interessava saber se no entender dos entrevistados, uma prática cultural intensa e conseqüentemente um nível cultural elevado, seriam capazes de chegar ao ponto de criar “melhores” pessoas (com todo o subjectivismo que essa afirmação acarrete), ou pelo menos facilitar o relacionamento entre elas.

Mais abertamente ou com algum temor pelas palavras, todos consideraram a cultura extremamente importante na formação das

peças, e muito longe de ser apenas um apêndice de conhecimentos. De uma forma global deixaram claro que pensavam que uma pessoa mais “cultura” tem condições para poder ser uma melhor pessoa, ou seja com uma melhor relação com os outros, ainda que a cultura por si só, não seja elemento suficiente para garantir que isso constitua sempre uma verdade matematicamente válida.

Mais do que um dos entrevistados se referiu ao facto de um nível cultural vasto poder facilitar as conversas, e permitir a quem o detém um leque mais amplo de facilidades comunicacionais, o que resultaria no enriquecimento da imagem dessa ou dessas pessoas perante quem os rodeia. Tratar-se-á provavelmente, de uma perspectiva natural em quem, como decerto a maioria destes jovens, privilegia uma conduta fundamentalmente comunitária, e como tal, grandemente marcada pela relação directa com os outros.

4.2.3.2 Percepção exterior

Relativamente à percepção que estes jovens atribuíam aos seus colegas e às pessoas que conheciam em geral, o panorama não difere muito daquilo que fora entendido como a sua própria percepção da importância da cultura.

É evidente que a cultura é algo que toda a nossa sociedade entende subjectivamente como um elemento positivo, tal como o ar puro, a boa saúde, o combate aos incêndios, a protecção às crianças ou o emprego. Não é fácil falar de qualquer destes factores (e são apenas exemplos) sem

que todos estejamos de acordo quanto à sua importância e à necessidade de os incrementar.

Tudo seria provavelmente diferente se fosse possível colocar estes jovens perante o dilema concreto de que, para haver cultura, ou pelo menos um determinado nível de oferta cultural, seria necessário abdicar de outras coisas às quais estão habituados. Aí sim, seria possível determinar até que ponto acham a cultura realmente importante, e qual deveria ser o seu grau efectivo na esfera da hierarquia das prioridades de uma qualquer comunidade.

Num contexto político de debilidades orçamentais, essa seria seguramente uma questão de grande pertinência. Levar-nos-ia provavelmente a uma discussão, económica ou não, acerca do utilitarismo e suas representações efectivas na sociedade.

Como a natureza e âmbito deste trabalho não pretendia de modo algum ser um manifesto de prioridades políticas, fica apenas a consagração da importância dos aspectos culturais, que estes estudantes fizeram por deixar clara e inequivocamente marcada.

4.2.4 A televisão

Será porventura quase pecaminoso criar um sub-capítulo para a televisão. Talvez fosse mais correcto a cada sub-capítulo de todo o trabalho reservar umas linhas para estabelecer a interacção da televisão com a temática em causa, tal o peso que este instrumento tem na formação não apenas da consciência cultural, mas mais do que isso, na própria essência ético-valorativa da nossa civilização.

Em pouco mais de meio século, este pequeno aparelho transformou quase tudo à sua volta, desde a mais pequena característica do nosso “modus vivendi” quotidiano, até inclusivamente a forma de fazer política.

É óbvio que também na vertente cultural das sociedades ocidentais, a televisão tem um peso absolutamente incomparável, gerando hábitos, modas e aspirações, quer de forma própria e com objectivos do âmbito comercial, quer servindo de veículo a mensagens alheias, cujo acesso a esse meio, diga-se, depende bem mais do peso económico e financeiro que as sustentam do que da acuidade ou interesse comunitário, cultural ou educativo que trazem consigo.

Não cabe nos objectivos deste trabalho a crítica ao fenómeno televisivo nem à sua mercantilização mais radical a que hoje assistimos, e que por vezes parece querer desprezar toda a potencialidade sócio-educativa do instrumento em si, ou muito menos às cadeias de televisão existentes, negócios de milhões, mas com uma imaginação tão só direccionada para a captação do maior número de pessoas possível, sem lhes interessar muitas vezes aquilo que o espectador delas possa extrair em seu benefício.

Deve dizer-se também que, daquilo que ficou dos depoimentos recolhidos, poder-se-á confirmar que a faixa etária constituinte deste estudo será até porventura das que menos horas passará diante do pequeno ecrã (outras gerações e idades haverá em que os valores do quadro abaixo certamente apresentariam com elevada probabilidade uma fortíssima maioria de escolha para a TV, mau grado as diferentes conclusões encontradas por Casimiro Balsa que verificou um acréscimo de consumo televisivo nos estudantes universitários face à generalidade da população). Não significa isso que tenha sido, agora ou na infância passada, menos influenciada pela TV do que qualquer outra, podendo até

ser lícito esperar que sendo uma geração já marcada de início pela televisão a cores e sobretudo pelo aparecimento dos canais privados, possa carregar em si elementos constitutivos da sua formação cívica e cultural muito marcados pelo fenómeno televisivo e tudo o que possa ser considerado como adjacente ao mesmo.

Quadro 5

1- Como ocupa preferencialmente os seus tempos livres ?			
tv	45	amigos	65
radio	23	familia	42
leitura	41	desporto	19
cinema	25	música	35
outros	7		

Fonte: Inquérito do autor (2005)

Surpreendentemente, ou talvez não, o canal generalista SIC surge claramente destacado na liderança pelas preferências destes jovens estudantes, conforme se verifica nos valores recolhidos no inquérito e reproduzidos no quadro abaixo.

Um dos entrevistados chegou a sugerir que este número se prenderia com uma eventual vergonha ou pudor que os colegas teriam, em assumir que a verdadeira preferência ia para a TVI, também generalista, mas tida geralmente como ainda mais populista e apenas guiada por critérios audiométricos.

Não foi essa contudo a ideia que prevaleceu após todo o trabalho de campo. Se assim fosse, os jovens indicariam talvez o canal Dois (para cujo

segundo lugar já é mais lícita tal explicação) , o Arte, ou o Mezzo, e de forma alguma escolheriam como fuga a um rótulo mais populista justamente a SIC, a grande competidora da TVI, dentro dum modelo com muito mais semelhanças do que diferenças.

Quadro 6

9-Qual o canal de televisão que mais vê ?	
35	SIC
14	DOIS
13	RTP1
7	TVI
7	SIC NOTÍCIAS
3	HISTÓRIA
2	SPORT TV
2	PEOPLE AND ARTS
2	ODISSEIA
8	OUTROS

Fonte: Inquérito do autor (2005)

Quando se fala especificamente de programas televisivos, a escolha de telejornais ou programas informativos (na maioria dos casos sem especificação de canal), surge com alguma naturalidade na medida em que dentro de três programas que normalmente se vejam, é difícil fugir, até por simplificação da resposta, a um serviço noticioso, quando eles ocupam uma parte significativa dos chamados “prime-times” televisivos.

A série policial CSI-Miami com 13 referências, prender-se-á, sem qualquer intuito valorativo acerca do programa, com alguma moda juvenil semelhante aos fenómenos “Dragon-Ball Z” (de há uns anos atrás,

quando fazia parar milhares de adolescentes e jovens, em frente à televisão, a meio do dia e com hora marcada, para ver desenhos animados) ou afins, que no passado recente fizeram furor. Dos entrevistados nenhum foi muito claro sobre aquilo que pensava estar na base deste facto, e qualquer outra consideração entraria forçosamente no domínio do especulativo.

A opção por documentários, podendo assumir uma enorme amplitude de significados de acordo com cada um dos estudantes que a elegeu, pode globalmente, e tal como os serviços noticiosos (embora muito menos referenciada), ser entendida como uma forma simplificada de resposta (abarca todo um universo de documentários profundamente distintos, e sobre temas totalmente diferentes, desde os talibãs do Afeganistão, até à vida selvagem, ou ao doping no desporto, dentro de um universo interminável de possibilidades).

Quadro 7

10-Enumere três programas de televisão de que goste	
37	TELEJORNAIS
13	CSI
10	DOCUMENTÁRIOS

Fonte: Inquérito do autor (2005)

Outros programas foram ainda referidos tais como o concurso “Um contra todos”, o programa de debate semanal “Prós e Contras”, ambos na RTP, bem como transmissões desportivas ou programas musicais.

4.3 Diferentes formas de expressão, diferentes práticas

4.3.1 A questão da música

Embora não se tratasse de uma pergunta de investigação colocada de início para este trabalho, as respostas obtidas no inquérito por questionário foram taxativas quanto à importância que estes jovens atribuem à música, ou melhor dizendo, à diferença que estabelecem consciente ou inconscientemente entre a música e as restantes formas de expressão artística.

Quadro 8

20- A música é para si principalmente ?	
Prazer	59
Obsessão	5
Entretenimento	25
Representa pouco	0

Fonte: Inquérito do autor (2005)

Além de nenhum dos inquiridos ter admitido que a música representasse pouco para si, ao contrário do que sucedeu de forma peremptória quando se tratou de outras formas de expressão, é também deveras significativo que dos setenta e cinco inquiridos, cinquenta e seis, ou seja, quase três

quartos, afirmem ouvir muita música. Se compararmos com outros tipos de actividades culturais, chegamos à conclusão de que a música é de facto um caso à parte.

Quadro 9

18- Ouve música habitualmente ?	
Muita	56
Alguma	18
Pouca	1
Nenhuma	0

Fonte: Inquérito do autor (2005)

Com efeito, enquanto as respostas acerca de temas como as artes plásticas ou dramáticas se revelaram bastante superficiais ou mesmo inexistentes, já quando se fala de música se nota uma grande e afirmativa manifestação de gostos e preferências, na maioria dos casos na área do pop-rock, mas também com muitas referências a artistas/grupos portugueses ou de língua portuguesa.

As razões que levam os jovens a edificar este perfil prendem-se sobretudo com a maior proximidade de que a música beneficia, isto é, com a facilidade com que se acede a esta forma de expressão artística, quer pela rádio, quer em bares ou discotecas, se compararmos com o teatro, literatura ou mesmo cinema, cuja relação com o público requer inegavelmente uma atitude muito mais afirmativa, ou melhor dizendo, menos passiva deste.

Seria necessário re-escrever a história da música, designadamente da música pop-rock anglo-saxónica, para podermos saber até que ponto o seu comportamento industrial terá sido ou não condicionado por essa facilidade de acesso, de modo a, partindo dela, criar identidades juvenis capazes de arregimentar multidões de jovens em seu redor e dessa forma as capitalizar comercialmente. Talvez um outro trabalho de investigação possa vir a responder a isso.

Parece contudo inquestionável que o estilo de música que mais agrada a estes jovens, inequivocamente o pop-rock, se enquadra num processo de “substituição de uma cultura narrativa por uma cultura de movimento, de uma cultura lírica ou melódica por uma cultura cinemática construída com base no choque e na busca da sensação imediata” (LIPOVETSKY 1989 : 284).

Quadro 10

21- Que tipo de música prefere ?	
Pop-Rock	59
Jazz	14
Erudita	13
Tradicional	11
Ligeira	29
Outro	8

Fonte: Inquérito do autor (2005)

Paralelamente, o pop-rock acaba por ser assimilado e avaliado, não tanto pelas suas características estéticas, mas por factores de identificação ou distintividade cultural (LIMA SANTOS 1994).

Estes factores de identidade cultural em cujo conceito inerente ao próprio estilo “pop-rock” labora, parecem estar na base da preferência manifestada por estes jovens, numa idade muito marcada por preocupações identitárias e afirmativas.

Uma certa forma de estar, pelo menos plasticamente, irreverente, e uma iconografia muito marcada pelo erotismo, torna frequentemente artistas e grupos de rock, verdadeiros ídolos aos olhos dos jovens.

O star-system, edificado pela indústria de Hollywood ainda na primeira metade do século passado, terá sido recriado a partir da década de sessenta no contexto da música rock. Depois da estetização do actor cinematográfico e de toda a sua individualidade, o pop-rock, beneficiando de toda a revolução do disco e dos gira-discos, incorporou em si os conceitos de “estrela” e “ídolo”, e acedeu a todo o universo mediático que povoa o quotidiano destes estudantes (LIPOVETSKY 1989).

Alguns dos entrevistados salientaram todas estas questões de identidade e afirmação individual, ou atitude perante a vida, como responsável pelo seu interesse e gosto pela música. Curiosamente, foram justamente aqueles que no questionário haviam demonstrado uma mais empenhada relação com a música os que a justificaram dessa forma.

A generalidade dos restantes optou por referir como principal causa para a preferência pela música face a outras formas de expressão artístico-cultural, a “facilidade” da audição de música, ou a atitude meramente passiva que esta exige, por antagonismo com a “dificuldade” de outras formas de expressão, muito mais exigentes em termos de tempo e disponibilidade física e mental.

Nesta lógica, talvez seja interessante verificar que quase metade das referências às formas como estes jovens estudantes ouvem música, prende-se com a rádio e com bares ou discotecas, formas que não supõem, em princípio, uma atitude e uma escolha tão afirmativa e consciente, e se limitam, por norma, a uma postura passiva perante aquilo que lhes é oferecido exteriormente.

Quadro 11

19-De que forma ouve preferencialmente a sua música ?	
Rádio	43
CD/K7/mp3	59
Espectáculos	17
Bares/Discotecas	23
Outros	1

Fonte: Inquérito do autor (2005)

Apesar de se terem verificado, nos setenta e cinco alunos, cinquenta e nove referências ao CD/K7/mp3 como forma preferencial para a audição de música, quando se pergunta se compram discos habitualmente ou não, uma larga maioria de sessenta por cento do total (quarenta e cinco alunos), responde negativamente. Isto decerto que reforça a ideia anterior de “facilidade” do acesso à música, e de alguma passividade perante a mesma, atitude passiva essa que, aplicada a outras formas de expressão, resulta no completo afastamento das mesmas.

Quadro 12

24-Compra discos habitualmente ?	
Sim	30
Não	45

Fonte: Inquérito do autor (2005)

Mesmo dentro dos que compram, uma grande parte não compra mais do que 5 por ano, havendo dezassete estudantes, cerca de um quarto do total, que afirma comprar mais de cinco discos por ano.

Quadro 13

25-Em Caso afirmativo, quantos compra por ano ?	
Entre 0 e 5	13
Entre 6 e 10	9
11 ou mais	8

Fonte: Inquérito do autor (2005)

No entanto, a música não deixa de ser a forma de expressão artístico-cultural a que mais criteriosamente estes jovens aderem, a que mais facilmente nomeam os artistas, a que lhes desperta algum, ainda que pouco, sentido de opção e de escolha, muitas vezes eventualmente mais determinada por factores de identidade do que propriamente por aspectos estéticos.

4.3.2 Decadência do livro ? ; Novas literaturas

A questão de estarmos ou não a assistir a uma decadência do livro como suporte de informação e cultura só se pode colocar numa perspectiva de longo prazo, e não pode ser dissociada do surgimento dos novos suportes informáticos, veiculados pela Internet.

Ao contrário do disco ou pelo menos do seu comércio enquanto tal, que está seriamente, e já hoje, comprometido em termos futuros, o livro, com uma sedimentação civilizacional muito mais densa e com multifuncionalidades várias ao nível profissional, académico ou meramente de lazer, não parece correr para já os mesmos riscos. No entanto, pareceu-me interessante verificar junto dos entrevistados, qual seria a sua percepção acerca das perspectivas de futuro do livro face aos suportes informáticos já amplamente generalizados, e se achavam ser possível estes destruírem aquele a mais ou menos longo prazo.

De uma forma geral, não foi essa a sensação recolhida junto dos entrevistados que, ainda que não de forma unânime, manifestaram a ideia de que o livro não irá ceder o seu lugar tão cedo, embora a espaços possa sentir a concorrência de outros suportes, quer já existam ou venham ainda a existir no futuro.

Inquiridos sobre o que a leitura representava para si, a maioria dos estudantes afirmaram ser um prazer.

Embora só um aluno tenha escolhido a palavra aborrecimento para definir a sua relação com a leitura, vinte e oito consideram-na uma mera distração, pressupondo-se que a colocam simplesmente ao nível de uma mera forma de entretenimento, e portanto bem longe daquilo que seria

lícito esperar constituísse a sua função, dado o seu potencial tremendamente enriquecedor enquanto elemento base da componente cultural dos indivíduos.

Quadro 14

2-A leitura é para si	
um prazer	47
um vício	3
um aborrecimento	1
uma distração	28

Fonte: Inquérito do autor (2005)

Estes números, consubstanciados nas opiniões recolhidas durante as entrevistas, deixam também no ar, a emergência no universo mediático e publicitário que povoa e condiciona as escolhas destes jovens, de um (novo!?) estilo literário, muito pouco denso, com narrativas extremamente lineares, mas grande aceitação pelo público, que não tendo eventualmente um valor artístico, reconhecido pela crítica especializada, correspondente às suas vendas.

Esta literatura “light” tem no entanto a virtude de criar hábitos de leitura em grupos populacionais que se sentiam antes pouco motivados para abrir um livro, e agora, com a dose de distração e entretenimento prometida por estas obras, acaba por encontrar na leitura uma agradável forma de passar o tempo.

Inserem-se porventura nesta óptica, as referências a fenómenos de popularidade e de vendas como Margarida Rebelo Pinto, o brasileiro Paulo Coelho, Miguel Sousa Tavares ou o psiquiatra Daniel Sampaio.

Quadro 15

6-Enumere três escritores portugueses contemporâneos		Já leu ?
45	José Saramago	22
23	Margarida Rebelo Pinto	13
21	Miguel Sousa Tavares	7
15	Paulo Coelho	10
12	Daniel Sampaio	6
10	António Lobo Antunes	6
8	Sophia de Mello Breyner	7
7	Virgílio Ferreira	7
6	Rita Ferro	3
4	José Luís Peixoto	4
4	Inês Pedrosa	3

Fonte: Inquérito do autor (2005)

Está por provar que a leitura de obras de poucas ambições artísticas, venha a conseguir aglutinar leitores para outros tipos de literatura mais densa, mais criativa e menos superficial, mas mesmo que assim não seja, e mesmo que aos seus leitores ela pouco ou nada acrescente, o facto de proporcionar importantes receitas a editores e livreiros é algo não negligenciável quando se pretende disseminar a leitura e o livro em qualquer população, tarefa para a qual aqueles, e a sua boa saúde económica, são sem dúvida imprescindíveis.

Sessenta e quatro por cento dos estudantes inquiridos afirma ler três ou mais livros por ano.

Quadro 16

3- Quantos livros (extra-curriculares) lê por ano ?	
entre 0 e 2	27
entre 3 e 10	43
11 ou mais	5

Fonte: Inquérito do autor (2005)

Em alguns inquiridos, este dado afigura-se algo contraditório com a dificuldade que depois apresentam em nomear escritores portugueses contemporâneos, ou em reconhecer autores de grande prestígio nacional e internacional (impressionante como dois terços dos estudantes nem sequer ouviram alguma vez falar de Jorge Luís Borges, ou como nenhum dos setenta e cinco inquiridos leu qualquer livro de Philip Roth, que se trata de um autor muito longe de habitar em qualquer marginalidade de críticos especializados, antes passível de se encontrar em estantes de supermercado, sendo um dos crónicos candidatos ao prémio Nobel da literatura).

Quadro 17

5-Quais destes escritores conhece?		
	Ouviu falar	Já leu
V.S.Naipul	7	1
Jorge Luis Borges	25	5
E.Hemingway	48	26
T.S.Elliott	32	5
Philip Roth	12	0
José Luís Peixoto	45	16

Fonte: Inquérito do autor (2005)

A tomar como válidos os números globais encontrados, não se pode defender que exista um afastamento muito grande face à literatura. Talvez a predominância mediática de um estilo literário eventualmente mais “fácil” de digerir possa entroncar nestes números.

Relativamente ao estilo de leitura que os estudantes afirmam preferir, o romance, recolhendo cinquenta e uma referências, mostra ser o género mais do agrado destes jovens.

Causa talvez alguma estranheza o baixo número verificado pela leitura de jornais. Estamos a falar de estudantes universitários, que com maior ou menor apetência cultural ou por fenómenos artísticos, era suposto procurarem estar minimamente informados.

Um dos elementos que nos diferencia enquanto país, dos índices de desenvolvimento de nações com uma muito maior vertente formativa, como os países do centro e norte da Europa, é precisamente a leitura de jornais. Penso que este número aqui apurado, deve constituir motivo de preocupação para quem tem por missão contribuir para um maior grau de qualificação e formação daqueles que constituem hoje o futuro e a esperança do nosso país.

Quadro 18

4 Quais as suas preferências literárias ?	
Contos	15
Poesia	22
Romance	51
Jornais	26
banda desenhada	3
Revistas	31
Policiais	24
Outros	11
quais? _____	

Fonte: Inquérito do autor (2005)

4.3.3 Cultura difícil ; Teatro e Artes plásticas

Os resultados do inquérito denotam que estes estudantes vivem absolutamente de “costas voltadas” para o teatro ou para as artes plásticas, formas de expressão que não cativam de modo algum a sua atenção ou a sua preferência.

Quadro 19

27-Frequenta exposições ?	
Muitas	5
Poucas	59
Nenhumas	11

Fonte: Inquérito do autor (2005)

O modo de ocupação de tempos livres, predominantemente colectivo, adoptado pela maioria destes estudantes, talvez possa ter algum tipo de relação com o ostracismo devotado a estas actividades. Por exemplo, falando de pintura, e referindo-se à sua função política-social num contexto dos anos trinta, Walter Benjamin, reputado representante da chamada Escola de Frankfurt, afirma que “a pintura não está em condições de ser objecto de uma recepção colectiva simultânea, como sempre sucedeu com a arquitectura, outrora com a epopeia e actualmente com o cinema. E por pouco que esta circunstância, em si, nos permita tirar conclusões sobre o papel social da pintura, é certo que isso constitui uma

séria limitação num momento em que, devido a uma série de circunstâncias particulares, e de um modo que até certo ponto contradiz a sua natureza, ela se vê directamente confrontada com as massas” (BENJAMIN 1992 : 101).

O facto de mais de três quartos destes jovens não serem capazes de mencionar tão somente três artistas plásticos, reflecte bem o alheamento que manifestam face a esse modo de expressão artístico.

Quadro 20

29- Enumere três artistas plásticos que conheça		
38	Não Mencionaram nenhum	51%
19	Mencionaram um ou dois	25%
18	Mencionaram os três	24%

Fonte: Inquérito do autor (2005)

Ao contrário da música e as suas vicissitudes de identidade juvenil, ou do cinema e a sua cultura de partilha e convívio, enquanto atitude colectiva de “ir ao cinema”, ou até mesmo de uma certa literatura de pendor mais superficial e intuito lúdico, que ainda assim vai cativando muitos jovens para a leitura, o teatro surge como algo que de facto não interessa à esmagadora maioria destes jovens.

O teatro, juntamente com o cinema, as artes “que simbolizam de modo mais completo e mais total a condição e o destino humano, incluindo o que ele tem de mais efémero, de mais evanescente” (FARAGO 1998 : 16), é pois particularmente e talvez surpreendentemente penalizado nas escolhas destes jovens.

Apenas um dos setenta e cinco inquiridos, afirmou ir muito ao teatro. Pelo que foi dado a perceber das entrevistas, o “pouco” que a maioria referiu trata-se na realidade de quase “nada”, pois estudantes que assim haviam respondido, confessaram depois ter ido apenas duas ou três vezes em toda a sua vida.

Quadro 21

30- Vai ao teatro ?	
Muito	1
Pouco	53
Nunca	21

Fonte: Inquérito do autor (2005)

Há uma imagem edificada junto dos jovens de que o teatro, considerado por France Farago “a quinta-essência da conflitualidade humana” (FARAGO 1998 : 17), é algo demasiado denso, muito difícil de entender e como tal bastante maçador. É essa ideia que perpassa o discurso dos entrevistados, e que é apontada como motivo pelo qual raros foram os estudantes inquiridos a afirmarem ir ao teatro, mesmo vivendo numa cidade com um espaço lindíssimo como o Teatro Garcia de Resende, e uma companhia permanente de qualidade amplamente reconhecida como o Cendrev.

O desconhecimento face à chamada “arte da palavra” manifesta-se também quando oitenta e nove por cento dos inquiridos não consegue enunciar três nomes de dramaturgos, sem que fosse colocada qualquer restrição temporal ou geográfica, ou seja poderiam ser referidos quaisquer dramaturgos, de qualquer época ou país.

Se retirássemos Gil Vicente do lote dos possíveis mencionados, o panorama seria substancialmente pior, pois o conhecido autor português foi referido por quase todos os trinta e dois por cento de alunos que não deixaram completamente em branco esta questão..

Quadro 22

33- Enumere três dramaturgos que conheça ?		
51	Não Mencionaram nenhum	68%
16	Mencionaram um ou dois	21%
8	Mencionaram os três	11%

Fonte: Inquérito do autor (2005)

Os preços dos bilhetes não recolheram tantos protestos como seria de esperar, talvez devido ao facto de serem generosamente comparticipados (em cerca de 50%, no caso de Évora) para estudantes. Assim sendo, não será pertinente colocar factores económicos à cabeça de um qualquer enunciado de razões.

Estranhamente, foi nalguns casos apontada a falta de divulgação dos espectáculos como motivo de ausência. No entanto, é frequente ver bem espalhados pela cidade cartazes a anunciar todas as novas produções, o que não acontece por exemplo relativamente ao cinema, sendo que este dispõe de outros meios promocionais muito mais sofisticados e eficazes.

Parece ser de concluir que existe uma profunda e incrustada falta de estímulo a estas actividades, quer da parte das famílias e amigos, mas sobretudo de quem tinha por dever fomentá-las, ou seja a Escola e em última análise o Estado e o poder político.

4.3.4 Cine-diversão

Pode-se afirmar com propriedade que o cinema é o segundo maior foco de atenção cultural desta juventude, a seguir à música. Parece ser de concluir todavia que, aos olhos dos jovens estudantes, enquanto esta constitui um importante factor de construção da identidade cultural, aquele situa-se no plano do mero entretenimento.

Esta conclusão decorre da notória existência de uma maior passividade, ou pelo menos uma menor preocupação com as idiossincrasias identitárias com que é encarado ou consumido o cinema, face a uma preocupação mais afirmativa do gosto que frequentemente se vislumbra quando se fala de preferências musicais.

Bastante significativo é que, quando se fala de música é perfeitamente possível identificar um número razoável de estudantes que se assumem como melómanos e que se percebe terem uma relação muito especial com esta forma de expressão artística, que inclusivamente veste a sua personalidade com a iconografia própria dos símbolos do pop-rock, o estilo que preferem, e é sem sombra de dúvida a ponte mais próxima que encontram para o mundo estético. Enquanto que relativamente ao cinema ninguém demonstra uma atitude que fuja substancialmente da passividade generalizada. Nenhuma das respostas ao questionário, nem qualquer uma das entrevistas indicia existirem cinéfilos entre os estudantes de Sociologia da Universidade de Évora

Seja como for, uma significativa maioria destes jovens afirma ver em média mais de vinte filmes por ano, o que é um número bem interessante,

sobretudo se o compararmos com a frequência ao teatro ou visitas a exposições.

Quadro 23

11-Quantos filmes vê por ano	
0 a 5	7
6 a 20	20
21 ou mais	46

Fonte: Inquérito do autor (2005)

A divisão quase simétrica entre as referências a casa ou a salas de cinema como local preferencial para assistir a um filme, leva a supor que os filmes vistos por esses jovens se possam dividir também entre esses dois veículos.

Quadro 24

13- Onde e como prefere ver cinema ?	
Casa (VHS/DVD/TV)	39
Sala de cinema	42
Sozinho	8
Acompanhado	64

Fonte: Inquérito do autor (2005)

Já a fortíssima maioria que gosta mais de ver um filme acompanhado, pode levar a sedimentar ainda mais a ideia de que o cinema não é visto como um estimulante objecto de reflexão intelectual, nem mesmo como uma forma de incrementar o nível cultural de quem o vê, mas sim como

um simples passatempo entretido, conclusão que, uma vez consubstanciada noutras evidências é legítimo obter sem entrar no domínio da especulação.

Esta ideia entronca firmemente na preferência por um tipo de cinema de matriz anglo-saxónica, virado para o mercado e assente numa lógica standardizada de cativação primária dos sentidos – bem ilustrado através das produções de Hollywood – em detrimento de um tipo de cinema eventualmente menos comercial mas com maior investimento estético e artístico, tido frequentemente como “chato”, precisamente por não procurar essa cativação imediata e apelar a uma maior reflexão por parte do espectador. No fundo trata-se das diferenças entre uma criação artística singular, expressa no “estilo” ou no “traço” do autor, ou uma produção standardizada e repetitiva, sem espaço a qualquer tipo de fuga dos parâmetros pré estabelecidos como os mais promissores em termos de receita (LIMA SANTOS 1994).

Colocando, embora numa lógica perigosamente simplificadora, o cinema de raiz anglo-saxónica como paradigma da superficialidade e da standardização de processos – o que equivalendo a cometer a injustiça de esquecer tudo aquilo que norte americanos como Frank Capra, John Ford ou Orson Welles deram à história do cinema, não deixa de tomar em linha de conta o próprio conceito de arte/produto subjacente à indústria de Hollywood – e o cinema de outras paragens, nomeadamente do nosso continente europeu, como espaço de criatividade e liberdade do artista face à sua obra, torna-se então sintomática a este respeito, a diferença entre o conhecimento que estes jovens mostram face a um grupo de realizadores norte americanos e o relativo alheamento que demonstram em relação a nomes do cinema europeu, sendo tanto uns como outros

foram escolhidos dentro do lote dos autores de primeiro plano na história do cinema mundial das últimas décadas.

De facto, uma grande maioria dos inquiridos refere já ter inclusivamente visto filmes de todos os quatro realizadores norte-americanos, enquanto que essa mesma maioria nem sequer ouviu falar em nomes como Wim Wenders ou Lucchino Visconti, responsáveis por algumas das obras primas mais amplamente valorizadas pela generalidade da crítica especializada, isto considerando que de autores como André Techiné ou Jean Luc Godard (sobretudo este último, com uma carreira alicerçada no domínio do experimentalismo) já se esperaria maior desconhecimento, pois embora se trate de nomes consagrados dentro do mundo cinéfilo, não colhem no espaço mediático a mesma predominância.

Este aspecto está também analisado noutro ponto deste trabalho, quando se trata da hegemonia anglo-saxónica na formação e nas práticas culturais destes jovens.

Quadro 25

16-Conhece estes realizadores ?		
	Ouviu falar	Já viu filme(s)
Martin Scorsese	60	55
Jean Luc Godard	18	8
Wim Wenders	17	10
Lucchino Visconti	21	14
André Techiné	11	6
Francis Ford Coppola	60	50
Steven Spielberg	72	71
Woodie Allen	61	54

Fonte: Inquérito do autor (2005)

4.4 A hegemonia anglo-americana

4.4.1 Elementos elucidativos

Neste trabalho não se procurava saber se existia ou não uma hegemonia cultural anglo-saxónica, quer ao nível do espaço mediático e publicitário ocupado, quer ao nível do domínio dos circuitos de distribuição cultural. Para mim isso era um pressuposto de base, como ficou desde o início bem claro, fundamentado na observação da realidade, no número incomensuravelmente maior de bens culturais produzidos e/ou distribuídos a partir dessas origens comparativamente a outras, na predominância da língua inglesa quer nas salas de cinema, quer nas músicas ouvidas na rádio, ou nas séries televisivas, no tipo e origem dos discos mais vendidos, etc.

A predominância anglo-americana é de uma dimensão tal e manifesta-se com um peso tão avassalador, que dispensa qualquer enunciação estatística sobre a mesma, obrigando o investigador a considerá-la como um axioma do seu trabalho.

Não é necessário proceder a nenhuma elaboração estatística para se saber que o cinema norte-americano ocupa a esmagadora maioria das salas do nosso país (e provavelmente de grande parte dos países, pelo menos no mundo ocidental), pois para isso será suficiente consultar o cartaz de um qualquer jornal.

Se fizermos um zapping pelas estações de televisão, veremos também facilmente que os filmes, telefilmes e séries de língua inglesa, produzidos

maioritariamente nos Estados Unidos da América, inundam o espaço televisivo, independentemente de terem ou não qualidade.

Bastará também fazer uma busca pelas várias estações de rádio para se perceber que o tipo de música mais repetido é, não só originariamente proveniente da Grã Bretanha e dos Estados Unidos, como é genericamente cantado em inglês, não sendo despidendo considerar que promova também de forma directa ou indirecta valores e referências culturais caras à mentalidade de matriz anglo-americana.

O pop-rock, geneticamente anglo-saxónico, remete-nos para um mais amplo conceito de arte pop, bastante identificada com os Estados Unidos da América, ou num sentido lato, com o modelo de sociedade por eles proposto.

“A arte pop pretende ser a arte do banal” (BAUDRILLARD 1995 : 124), e a significação dos objectos de consumo de acordo com os seus parâmetros, remete-nos para o culto desse mesmo consumo. No fundo trata-se de “reconhecer a evidência da sociedade de consumo, a saber, que a verdade dos objectos e dos produtos é a respectiva marca” (BAUDRILLARD 1995 : 122).

Grupos de rock, estrelas de Hollywood, e afins, são no fundo uma “marca”, e estará nessa “marca” a raiz da identificação dos jovens com essa cultura.

O cinema de Hollywood, na sua generalidade, procura sobretudo a intriga lógica e cronologicamente orientadas para um happy-end, utiliza personagens e situações simples e lineares mais do que acções simbólicas, ambíguas ou problemas enigmáticos, tudo com vista à sua melhor e mais lucrativa comercialização perante consumidores ávidos por entretenimento (BOURDIEU 1979).

Mas se dúvidas havia quanto à forma como sobretudo o cinema e a música se confundem com o cinema e a música anglo-americanos, bastar-nos ia olhar para os quadros abaixo, nos quais está bem expressa a influência cultural que aqueles países impõem a este grupo de estudantes.

Quando se pede para enumerarem três actores de cinema que gostem ou apreciem, oitenta e cinco por cento dos nomes referenciados são de origem anglo-saxónica e apenas quinze por cento de todos os restantes países do globo, o que diz bem da sua visibilidade e da forma como estes jovens são “bombardeados” com cinema norte americano.

Quadro 26

17- Enumere três actores que conheça e/ou aprecie		
165	ANGLO SAXÓNICOS	85%
28	RESTO DO MUNDO	15%

Fonte: Inquérito do autor (2005)

No caso dos realizadores, e quando colocados perante um conjunto de oito nomes relativamente homogéneo em termos de qualidade e prestígio reconhecido perante a crítica especializada, a maioria demonstra conhecer muito melhor os quatro norte americanos do grupo (Woodie Alen, Martin Scorsese, Francis Ford Coppola e Steven Spielberg), sendo que a quantidade dos que afirmam ter visto filmes destes quatro autores somada, representa oitenta e seis por cento do total das respostas.

Mesmo se retirássemos da lista o campeão de bilheteiras Steven Spielberg, a maioria continuaria a ser expressiva.

Quadro 27

16-Conhece estes realizadores ?			
	Ouviu falar		Já viu filme(s)
Martin Scorsese	60		55
Jean Luc Godard	18		8
Wim Wenders	17		10
Lucchino Visconti	21		14
André Techiné	11		6
Francis Ford Coppola	60		50
Steven Spielberg	72	Anglo Sax.	71
Woodie Allen	61	253 79%	54
	320		268
			230 86%

Fonte: Inquérito do autor (2005)

Embora no que respeita à música exista um grupo significativo de estudantes a referirem artistas ou conjuntos portugueses como os da sua preferência (a música não é legendada...), não deixa de ser também impressionante que mais de metade dos referidos seja dos países anglo-saxónicos, e apenas quarenta e oito por cento de todos os outros países do mundo.

Quadro 28

22- Enumere cinco artistas/compositores/músicos/grupos de que goste		
166	ANGLO SAXÓNICOS	52%
107	PORTUGUESES	34%
25	BRASILEIROS	8%
20	OUTROS	6%
		42% (Ling.Portug.)

Fonte: Inquérito do autor (2005)

No caso da literatura a hegemonia não é tão significativa. Ainda assim não deixa de ser importante referir que, de um painel de seis prestigiados

autores, a maioria dos que afirmaram já ter lido os seus livros, leram sobretudo os três norte americanos propostos (cinquenta e oito por cento, mais precisamente).

Quadro 29

5-Quais destes escritores conhece?		Ouviu falar	Já leu
V.S.Naipul		7	1
Jorge Luis Borges		25	5
E.Hemingway		48	26
T.S.Elliott		32	5
Philip Roth		12	0
José Luís Peixoto	Anglo-Sax.	45	16
		92	31
		54%	58%
		169	53

Fonte: Inquérito do autor (2005)

Mas, como ficou dito, o que se procurava não era verificar se esta influência existia, mas sim como reagiam a ela estes jovens estudantes, ponto ao qual as entrevistas realizadas iriam de certa forma responder.

4.4.2 Conscientes ou inconscientes

De uma forma geral pode-se dizer que a ideia que prevaleceu das entrevistas realizadas foi a de que existe, de facto, a consciência desta realidade. Não será na maioria dos casos uma consciência afirmativamente crítica, mas sim uma consciência difusa, de quem “já tinha pensado ao de leve no assunto”, mas não acha que isso seja um problema determinante nas suas vidas.

Com uma prática cultural de certo modo indiferenciada, estes jovens não se mostram muito sensíveis a interpretar as diferenças entre uma arte que represente o prazer directo dos sentidos de modo a ser vendável, seja ela anglo-americana ou não, ou uma arte cuja liberdade criativa e a componente reflexiva a afaste, deliberadamente ou não, dos grandes piques de popularidade.

É claro que há jovens e jovens, e há opiniões e opiniões. Também foi dado a conhecer quem achasse bastante preocupante essa hegemonia e designadamente aquilo que ela pode representar, os valores e as referências que transmite, e a noção de arte que lhe está subjacente.

Ao invés, também houve que achasse que tal influência ou hegemonia significava apenas uma maior “competência” na forma de fazer as coisas e saber vendê-las.

Se há características específicas comuns às manifestações de expressão artística e cultural dos países ou de espaços geográficos definidos, e parece ser um dado objectivo que as há, pois derivam da cultura diferenciada dos vários povos, uma dessas características específicas que é apontada frequentemente ao mundo anglo-saxónico, mormente à arte criada nos Estados Unidos da América, é que a mesma apresenta aspectos que a colocam numa sistematologia profundamente mercantilizada e mercantilizante, associada ao conceito de indústria cultural, e à noção de objecto de arte visto e tratado como um produto vendável, vista justamente como procurando sobretudo o “lazer imediato” e não “educar, elevar o espírito ou inculcar valores superiores” e em que o “presente histórico é a medida de todas as coisas” ao contrário de tempos em que “a arte tinha por tarefa louvar o sagrado” (LIPOVETSKY 1989 : 283).

Nesta medida, houve estudantes que se manifestaram insatisfeitos por esta predominância cultural de matriz comercial, quer no campo do cinema quer na música, embora esses mesmos estudantes sentissem e confessassem dificuldades em voltar as costas a essa forte e monopolizadora influência.

De qualquer forma, ninguém de entre os entrevistados, se mostrou surpreendido perante os números apresentados.

4.4.3 Motivos apontados

Como eventuais motivos para a circunstância de a hegemonia cultural anglo-saxónica ser uma realidade, os estudantes apontam sobretudo as responsabilidades à publicidade. De certa forma acabam por concluir que, alicerçada em grandes estruturas empresariais, a indústria cultural anglo-saxónica tem à sua disposição uma panóplia de meios de difusão, promoção e distribuição das suas realizações, que qualquer autor de outras paragens, inclusivamente europeu, nem sequer sonha poder usufruir, acabando com isso por gerar uma habituação a um determinado modelo estético que, sendo multiplicador, vai por seu lado eliminar todos os restantes modelos alternativos à sua volta, incapazes de competir num território mercantilizado e empresarializado até às mais profundas entranhas - “a cultura industrial esgota-se na busca furiosa do êxito imediato” (LIPOVETSKY 1989 : 283) - afastando-os para as margens do mundo cultural, ou para circuitos restritos limitados à crítica especializada ou a públicos intelectualmente mais sofisticados e mais

aptos a fazer as suas escolhas para além daquilo que lhe é mostrado por todos os veículos de transmissão imediatamente percebidos.

A publicidade é a raiz deste processo, e tanto na rádio como na televisão nos jornais, nos outdoors (e a utilização deste tipo de estrangeirismos não é totalmente desligável também de uma forte influência anglo-saxónica apreendida), ou em quaisquer outros meios de comunicação, são bastante visíveis as manifestações de força deste poderoso ciclo promocional.

Desde crianças que os cidadãos de todo o mundo são polvilhados com uma densa teia, estrategicamente definida de acordo com critérios de economia de escala e meticulosamente levada à prática, envolvendo desenhos animados, jogos de computador, bonecos, filmes e livros, em cujos personagens são os mesmos, e as gigantescas entidades lucrativas de escala global também.

Não haverá muitas figuras tão conhecidas em todo o mundo como o “Rato Mickey”, que dá a sua cara a todas as formas referidas no parágrafo anterior e ainda a t-shirts, porta chaves, canetas, bolas, textéis, bebidas, parques de diversões etc, constituindo um excelente e antigo exemplo da forma como a indústria anglo-saxónica, neste caso concreto a Disney, trabalha ao nível da promoção dos seus produtos.

Essa estratégia é aplicada crescentemente, não apenas no universo infantil mas em “produtos” culturais para todos os escalões etários, nomeadamente no caso dos jovens estudantes, com a interrelação de filmes, livros e jogos video, sempre tendo como pano de fundo a promoção das estrelas que lhes dão a face, e em última análise as receitas provenientes de todos esses vectores.

A transposição do modo de actuar da indústria de produtos infantis para outras áreas de negócio, não se prenderá com uma infantilização da

população, mas mais com a descoberta por parte da indústria, de que essa forma de promoção e actuação comercial seria a que maiores proventos garantia.

Este é apenas um exemplo da forma como a indústria cultural anglo-saxónica sabe “mobilizar” milhões de clientes em todo o mundo.

Claro que este modo de actuação apenas é possível dispondo do controlo quase absoluto dos circuitos de distribuição, e tendo uma retaguarda de meios financeiros capazes de garantir investimentos vultuosos na publicidade, sem a qual muitos dos seus produtos não passariam da mais anónima vulgaridade.

4.4.4 Travar ou deixar

Apesar da existência de uma consciência, algumas vezes referida como crescente, acerca deste fenómeno, quando instados a propor soluções para enfrentar o problema, os estudantes não encontram muitas formas de o fazer.

Qualquer tipo de imposição como sejam quotas de filmes ou de música, não parecem ser do agrado desta população, e são vistos como uma intervenção exterior à sua liberdade de escolha. Não passaram eles pelo crivo dos anos pré-democracia em Portugal, pois a ser assim, provavelmente a palavra censura surgiria de imediato nas suas vozes.

A maior divulgação é apontada como uma forma de contornar a situação, mas essa esquece que para isso são necessários meios financeiros, e que é essa precisamente a arma utilizada abundantemente pela indústria cultural que se pretenderia assim combater.

O caminho a percorrer neste sentido passará eventualmente mais , e isso também foi referido, pelo desenvolvimento de uma consciência crítica, e por uma maior formação e educação cultural, que possa permitir escolhas absolutamente livres, mesmo quando a liberdade de oferta não é absoluta.

No entanto grande parte dos entrevistados acabou por considerar que pouco ou nada havia a fazer, pois apesar de reconhecerem o facto, não pareceram encará-lo como um problema muito grave, desde que fosse possível continuarem a manter alguns nichos para minorias, que talvez por também desempenharem um papel social de distinção e construção ou afirmação de identidades, vêm assim a sua finalidade melhor realizada.

4.5 A cultura portuguesa

4.5.1 Música

Não procurei neste trabalho estabelecer o contraponto da produção cultural portuguesa relativamente a outras culturas, nem muito menos averiguar do estado actual da cultura portuguesa, seus problemas ou propostas de solução, no entanto foi importante verificar que no que concerne à música, justamente o modo predilecto de praticar ou consumir (com toda a ambivalência que esta palavra possa trazer) cultura nesta população, surgem referenciados inúmeros artistas portugueses ou de língua portuguesa, demonstrando que ainda há um nicho de músicos portugueses a agradar bastante aos novos públicos.

4.5.2 Literatura

Quanto à literatura, pode-se dizer que os principais nomes das letras portuguesas são conhecidos e referenciados, mas muito pouco lidos.

O prémio Nobel José Saramago é referenciado como o mais conhecido (quase trinta por cento dos inquiridos afirma tê-lo já lido), paralelamente com autores cuja maior popularidade resulta dos muitos milhares de livros vendidos como Margarida Rebelo Pinto ou Miguel Sousa Tavares. O brasileiro Paulo Coelho é também muito mencionado.

Quadro 30

6-Enumere três escritores portugueses contemporâneos		Já leu ?
45	José Saramago	22
23	Margarida Rebelo Pinto	13
21	Miguel Sousa Tavares	7
15	Paulo Coelho	10
12	Daniel Sampaio	6
10	António Lobo Antunes	6
8	Sophia de Mello Breyner	7
7	Virgílio Ferreira	7
6	Rita Ferro	3
4	José Luís Peixoto	4
4	Inês Pedrosa	3

Fonte: Inquérito do autor (2005)

4.5.3 Cinema

O cinema português continua, segundo grande parte destes jovens, a sofrer do seu antigo síndrome de pouca espectacularidade e pouca atractividade, própria aliás da tradição de uma certa forma de expressão cinematográfica europeia, o que já foi em certa medida aflorado, que mais do que reproduzir a aparência se preocupa em tornar visível o invisível (FARAGO 1998), criar o chamado “filme de autor”, filme para festival ou para a crítica especializada - Saussure diz-nos que o ponto de vista estético é que cria o objecto estético (BOURDIEU 1979) - quase sempre financiado pelo Estado, e com uma qualidade estética inversamente proporcional à sua capacidade para atrair público, e em particular novos

públicos, necessariamente jovens e naturalmente estudantis. Nem algumas grandes produções portuguesas da última década, feitas de “olhos postos” no mercado, conseguiram fazer ultrapassar a noção de que os filmes portugueses não oferecem a dose de entretenimento que estes jovens maioritariamente procuram quando decidem ir ao cinema.

4.5.4 Outras

Acerca de formas de expressão artístico-cultural como as artes plásticas ou o teatro, pouco ou nada foi dito pelos estudantes quer no inquérito quer nas entrevistas, salvo no que concerne às possíveis justificações para esse alheamento. Assim sendo, nem os autores e obras portuguesas parecem ser capazes de estimular estes jovens.

De referir apenas que Gil Vicente foi o dramaturgo mais referenciado, dos poucos que os alunos foram capazes de nomear, e que também Paula Rêgo mereceu algumas referências quando no questionário eram pedidos nomes de artistas plásticos.



4.6 A cidade de Évora

4.6.1 Évora face ao interior

Como se pode ver pelas respostas ao questionário, a esmagadora maioria dos inquiridos está, pelo menos medianamente, satisfeita com a oferta cultural da cidade de Évora.

Cerca de quarenta e três por cento dos estudantes considera-a mesmo boa ou muito boa, enquanto apenas onze por cento a apelidaram de fraca.

Quadro 31

34- Como classifica a oferta cultural da cidade de Évora ?	
muito boa	6
boa	25
razoável	33
fraca	8

Fonte: Inquérito do autor (2005)

Na questão colocada nada há que possa induzir qualquer tipo de critério comparativo relativamente a qualquer outra cidade ou região, no entanto, na entrevista, ao colocar a questão num plano comparativo (Évora face a outras cidades do interior do país), a satisfação ficou vincada quase unanimemente.

Apesar de ser bastante focada a falta de divulgação de muitas iniciativas culturais, estes jovens referem no entanto que elas não faltam, e mesmo em relação a artes como o teatro ou exposições várias, que eles denotam negligenciar, reconhecem que a cidade é pródiga em oferta cultural.

É evidente que qualquer comparação com Lisboa ou Porto seria desonesta e errónea. Se a diferenciação sócio espacial até influencia a procura de bens culturais - segundo Casimiro Balsa os estudantes originários de grandes centros urbanos demonstram uma prática mais sedimentada e regular (BALSA 2001) - muito mais afectará, nem que seja de forma aritmética, a oferta dos mesmos.

Foi interessante verificar que entre os entrevistados, alguns eram provenientes de zonas próximas de cidades como Aveiro (embora do litoral não deixa de ser também uma cidade média), Guarda, Portalegre ou Beja, o que enriqueceu a perspectiva comparativa que se pretendia também fazer. Assim, foi possível concluir que para os jovens entrevistados, a comparação entre Évora e essas cidades é francamente favorável à “cidade museu” no que se refere a oferta cultural.

A inquirição acerca dos locais frequentados nem sempre foi claramente entendida pois pretendia-se saber que locais “de cultura” (locais/espectáculo) eram ponto de referência para estes jovens, e não que locais “tout court” eles frequentavam, tal como foi interpretado por muitos deles.

Pode-se vislumbrar também aqui, a tendência de incorporar as práticas culturais dentro de um vasto e alargado conceito de divertimento, o que leva alguns destes jovens a considerar as festas académicas, as discotecas ou os bares como locais culturais. Em rigor o serão certamente, mas não à luz do conceito de cultura que é aqui trabalhado, conforme ficou esclarecido logo no início do trabalho.

Seja como for, o teatro Garcia de Resende, a Sociedade Harmonia Eborense, as salas de cinema da cidade são apontados como as maiores referências em termos de espaços culturais da cidade.

Quadro 32

	35- Que locais / espectáculos frequenta na cidade?
24	TEATRO GARCIA DE RESENDE
16	SOCIEDADE HARMONIA EBORENSE
17	CINEMAS
	FEA, BARES, UNIVERSIDADE, ETC

Fonte: Inquérito do autor (2005)

4.6.2 A Universidade

De uma forma geral, estes estudantes deram sinais de esperar mais do que aquilo que a Universidade lhes tem oferecido em termos culturais.

Frequentemente referiram os seus colegas de cursos artísticos, como Artes Visuais, Música ou Estudos Dramáticos, como aqueles que eventualmente dispunham ou fariam por dispor de uma relação mais próxima com os fenómenos culturais, que a eles, estudantes de Sociologia, passavam por vezes um pouco ao lado.

Foi elogiado o Cine-Clube da Universidade, que de parceria com a Sociedade Joaquim António de Aguiar, tem levado à tela uma programação de cinema verdadeiramente alternativa à existente na cidade, mas à parte esse aspecto foi apontada a falta de espaços para

eventos culturais na Universidade (o próprio Cine-Clube funciona num espaço exterior a ela).

Pode dizer-se que a função da Universidade não é essa, mas oferecendo cursos de natureza eminentemente artístico-cultural, parece haver alguma pertinência nesta crítica.

5- CONCLUSÕES

Não se pode dizer que o panorama de práticas e hábitos culturais dos jovens analisados seja de um modo geral muito promissor.

Mau grado alguns fenómenos de carácter mais identitário, do que propriamente emancipador, como sejam a afirmação de gostos, consumos e práticas ao nível da música pop-rock, ou por outro lado o acolhimento de modelos de literatura e sobretudo de cinema, assentes em premissas eminentemente comerciais, sustentados em promoções por vezes de índole planetária, o que é destacável neste trabalho é uma apatia generalizada perante a cultura e uma postura demasiado passiva face às práticas culturais adoptadas.

É óbvio que nos nossos dias, qualquer jovem na classe dos vinte anos, tem uma panóplia de sugestões para os seus tempos livres que há algumas gerações atrás não andariam longe da utopia mais aventureirista. O tempo que resta para um investimento profundo em vectores mais densos da prática cultural não é muito, e o efeito multiplicador faz com que o estímulo cultural resultante da partilha de experiências em comunidade não resulte no florescer de uma ambição maior a este nível.

Por outro lado, a família, resultante muitas vezes ainda de uma geração bastante marcada pelo Portugal pré-revolucionário com todas as suas vicissitudes ao nível da cultura, também ela sem tempo livre e normalmente pouco entusiasmada com o lado menos utilitarista da vida, pouco estimula aos seus filhos a algo que não surge à primeira vista como

de importância primordial no seu sucesso futuro. O termo “sucesso” não é totalmente inocente, pois é para ele, e quase somente para ele, que sobretudo apontam todas as ambições da juventude neste século XXI.

Num contexto mais amplo, uma lógica mercantilizada e mercantilizadora, a cuja edificação e promoção, diga-se em nome da justiça, eles foram alheios, tomou conta de todos ou quase todos os canais ou circuitos comunicacionais capazes de veicular elementos culturais de relevo, e colocou-os de certo modo à margem de um processo de auto-determinação cultural, ao qual para acederem, são forçados a romper as correntes que envolvem o seu processo de crescimento e maturação civilizacional e que os impelem para fenómenos artístico-culturais consubstanciados numa noção de produto/consumidor.

Hannah Arendt afirmou que “a sociedade de massa não quer a cultura, mas os lazeres, o entretenimento, e por isso os artigos oferecidos pela indústria dos lazeres, são bem e belamente consumidos pela sociedade como todos os outros objectos de consumo” (OLIVEIRA 2004 : 145). A cultura e os bens culturais acabam por ser submergidos por esta realidade.

Não será alheia a esta realidade a empresarialização e conseqüente concentração de televisões, estações de rádio, distribuidoras de cinema, jornais, revistas, editoras de música etc, fazendo do universo mediático um todo standardizado e parametrizado de acordo com objectivos eminentemente económico-financeiros, empenhado em promover dentro do seu emaranhado de sinergias, aquilo que possa ser mais fácil e rapidamente consumido, e assim se traduza na maximização imediata do seu dividendo.

A avassaladora hegemonia cultural anglo-americana, cabalmente demonstrada nos resultados do inquérito aplicado, parece ser

simultaneamente o resultado objectivado de todo este panorama - ao aliar custos mais baixos resultado da sua produção em série, com uma dinâmica distribuidora profundamente eficaz - e ao mesmo tempo a causa da sua preponderância e renovação contínua, como forma de perpetuar toda uma indústria que, sendo responsável pela disseminação e massificação do acesso a bens de cultura, é também em larga medida a matriz da standardização dos comportamentos e atitudes perante os fenómenos culturais que resultam nesta espécie de letargia cultural a que os jovens desta geração de rendem sem grande resistência.

Os jovens estudantes são assim o produto deste conjunto de condicionantes, e poucos são os que parecem ser capazes de as ultrapassar ou a elas resistir. É talvez a eles que menos cabe a responsabilidade pelo facto de não termos hoje uma ambição cultural mais disseminada e intensa no nosso país (se comparada com outros países europeus), assente em factores de qualidade quer ao nível estético quer ao nível histórico ou simplesmente na aritmética da participação.

Segundo João Teixeira Lopes, “a escolaridade é uma condição necessária, mas não suficiente para a prática cultural regular” (LOPES 2004 : 46), o que nos faz supor que, fora do âmbito universitário, o panorama das práticas culturais entre os jovens seja substancialmente mais débil. Não sendo possível aqui desenvolver esse aspecto, não deixa no entanto de constituir uma nota digna de alguma preocupação.

Não é possível através deste trabalho teorizar com profundidade em redor das diferenças geracionais, designadamente acerca do que seriam as práticas culturais dos estudantes universitários há três ou quatro décadas atrás.

Uma coisa é certa, nunca como hoje o ensino, e em particular o superior, esteve tão massificado, e assim sendo qualquer conclusão que pudesse ser

extraída a esse respeito esbarraria de imediato na falta de representatividade demográfica e social que o estudante universitário da década de sessenta ou setenta estaria em condições de apresentar, face ao estudante actual, o qual quase pode ser visto como o jovem tipo deste século XXI português. Talvez o facto de o ensino superior ser então destinado, deliberadamente ou não, a uma elite, e sobretudo ser constituído na sua essência por essa mesma elite, nos levasse a chegar a elementos de participação e actividade cultural substancialmente superiores aos de hoje, o que, a ser assim, não revelaria no entanto necessariamente, que o panorama cultural do país se tivesse deteriorado de então para cá.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Paula

2004 “Ouvir, comprar, participar. Acerca da reciprocidade cumulativa das práticas musicais” in **Públicos da cultura : Observatório das actividades culturais** : Lisboa

ADORNO, Theodore

1982 **Teoria Estética** : Edições 70 : Lisboa

ALMEIDA, Francisco Vaz

1995 **Juventude em Números** : IPJ : Lisboa

BALSA, Casimiro ; SIMÕES, José Alberto ; NUNES, Pedro ; CARMO, Renato e CAMPOS, Ricardo

2001 **O perfil dos estudantes do ensino superior : Desigualdades e Diferenciação** : Colibri : Lisboa

BARDIN, Laurence

1994 **Análise de Conteúdo** : Edições 70 : Lisboa

BAUDRILLARD, Jean

1995 **A sociedade de consumo** : Edições 70 : Lisboa

BELL, Judith

2002 (1997) **Como realizar um projecto de investigação** : Gradiva : Lisboa

BENJAMIN, Walter

1992 **Sobre arte, técnica, linguagem e política** : Relógio d'água : Lisboa

BOURDIEU, Pierre e PASSARON, Jean Claude

1977 **Les Héritiers : les étudiants et la culture** : Les editions de minuit : Paris

BOURDIEU, Pierre

1979 **La Distinction : Critique sociale du jugement** : Les editions de minuit : Paris

CASANOVA, José Luís

1993 **Estudantes universit., composição social, representações e valores** : ICS : Lisboa

COSTA, António Firmino

2003 (1986) “ A pesquisa de terreno em sociologia” in Augusto Santos Silva e José Madureira Pinto (org.) **Metodologia das ciências sociais** : Afrontamento : Porto

COSTA, António Firmino

2004 “Dos públicos da cultura aos modos de relação com a cultura: algumas questões teóricas e metodológicas para uma agenda de investigação” in **Públicos da cultura** : Observatório das actividades culturais: Lisboa

ECO, Umberto

2003 (1977) **Como se faz uma tese em ciências humanas** : Presença: Lisboa

FARAGO, France

2002 **A arte** : Porto Editora : Porto

FERREIRA, Virgínia

2003 (1986) “O inquérito por questionário na construção de dados sociológicos” in Augusto Santos Silva e José Madureira Pinto (org.) **Metodologia das ciências sociais** : Afrontamento : Porto

FIGUEIRA, Eduardo

2004 Apontamentos de aula sobre métodos quantitativos: Évora

ILHÉU, José

2004 Apontamentos de aula acerca de amostragem : Évora

LIPOVETSKI, Gilles

1989 **O império do efémero** : Dom Quixote : Lisboa

LOPES, João Teixeira

2004 “Experiência estética e formação de públicos” in **Públicos da cultura** : Observatório das actividades culturais : Lisboa

LOURENÇO, Vanda

2004 “Aprender com a prática: expressividade artística e formação de públicos” in **Públicos da cultura** : Observatório das actividades culturais: Lisboa

MAGALHÃES, Ana Maria e ALÇADA, Isabel

1993 **Os jovens e a leitura nas vésperas do sec XXI** : Caminho : Lisboa

NUNES, Adérito Sedas

1987 (1971) **Questões preliminares sobre as ciências sociais** : Presença : Lisboa

OLIVEIRA, J.M.Paquete de

2004 “O público não existe, cria-se: novos media, novos públicos ?” in **Públicos da cultura** : Observatório das actividades culturais : Lisboa

PAIS, José Machado

1998 **Gerações e valores na sociedade portuguesa contemporânea** : SEJ : Lisboa

PAIS, José Machado

1995 **Inquérito aos artistas jovens portugueses** : ICS : Lisboa

PAIS, José Machado e CABRAL, Manuel Villaverde

1997 **Jovens portugueses de hoje** : Celta : Lisboa

QUIVY, Raymond e CAMPENHOUDT, Luc Van

2003 (1992) **Manual de investigação em ciências sociais** : Gradiva :
Lisboa

RAMOS, Francisco Martins

2003 **Apontamentos das aulas de Métodos e Técnicas**: Évora

SANTOS, António José Percheiro

1989 **O sistema de valores dos jovens universitários** : Tese U.E. :
Évora

SANTOS, Maria de Lourdes Lima

1994 **O mundo da arte jovem, protag., lugares e lógicas de acção** :
Celta : Lisboa

SAÚDE, Sandra

1998 **Valores e aspirações profissionais dos jovens** : Tese U.E. :
Évora

SCHMIDT, Luísa

1993 **A procura e oferta cultural e os jovens** : ICS : Lisboa

SILVA, Augusto Santos

2003 (1986) "A ruptura com o senso comum nas ciências sociais" in
Augusto Santos Silva e José Madureira Pinto (org.) **Metodologia
das ciências sociais** : Afrontamento : Porto

SILVA, Augusto Santos e PINTO, José Madureira

2003 (1986) "Uma visão global sobre as ciências sociais" in Augusto
Santos Silva e José Madureira Pinto (org.) **Metodologia das
ciências sociais** : Afrontamento : Porto

SILVA, Augusto Santos e SANTOS, Helena

1995 **Prática e representação das culturas: Um inquérito na área
metropolitana do Porto** : Colecção Mãos : Porto

VALA, Jorge

2003 (1986) “A análise de conteúdo” in Augusto Santos Silva e José
Madureira Pinto (org.) **Metodologia das ciências sociais** :
Afrontamento : Porto

Vários Autores

1988 **O perfil cultural desejável do diplomado do ensino
secundário** : ME : Lisboa

Vários Autores

1998 **Práticas e aspirações culturais** : Afrontamento :Porto

NOTA: Todos os quadros ilustrativos, do número 1 ao número 32, foram retirados do inquérito levado a cabo pelo autor em 2005.

ANEXOS

Anexo 1 : Inquérito

Anexo 2 : Respostas ao inquérito

Anexo 3 : Grelha de entrevistas

QUESTIONÁRIO

Práticas culturais dos estudantes de sociologia da Univ.Évora

NOME (facultativo)

IDADE (facultativo)

ANO

Disponibilidade para entrevista

Sim Não

--	--

Em caso afirmativo, contacto:

tel-

mail-

1- Como ocupa preferencialmente os seus tempos livres ?

1.1 tv

1.2 radio

1.3 leitura

1.4 cinema

1.9 outros

1.5 amigos

1.6 familia

1.7 desporto

1.8 música

quais?

2-A leitura é para si

2.1 um prazer

2.2 um vício

2.3 um aborrecimento

2.4 uma distração

3- Quantos livros (extra-curriculares) lê por ano ?

3.1 entre 0 e 2

3.2 entre 3 e 10

3.3 11 ou mais

4 Quais as suas preferências literárias ?

4.1 contos

4.2 poesia

4.3 romance

4.4 jornais

4.5 banda desenhada

4.6 revistas

4.7 policiais

4.8 outros

quais?

5-Quais destes escritores conhece?

Apenas ouviu falar

Já leu

5.1.1 V.S.Naipul

5.1.2 Jorge Luis Borges

5.1.3 E.Hemingway

5.1.4 T.S.Elliott

5.1.5 Philip Roth

5.1.6 José Luís Peixoto

5.2.1

5.2.2

5.2.3

5.2.4

5.2.5

5.2.6

6-Enumere três escritores portugueses contemporâneos

	Já leu ?
6.1.1 _____	<input type="checkbox"/>
6.2.1 _____	<input type="checkbox"/>
6.3.1 _____	<input type="checkbox"/>

7-Qual o último livro que leu (extra curricular) ? Quando ?

7.1 _____ / 7.2 _____

8-Qual o livro de que mais gostou até hoje ?

8.1 _____

9-Qual o canal de televisão que mais vê ?

9.1 _____

10-Enumere três programas de televisão de que goste

10.1 _____
10.2 _____
10.3 _____

11-Quantos filmes vê por ano

11.1	0 a 5	<input type="checkbox"/>
11.2	6 a 20	<input type="checkbox"/>
11.3	21 ou mais	<input type="checkbox"/>

12- Qual o último filme que viu ? Quando ?

12.1 _____ / 12.2 _____

13- Onde e como prefere ver cinema ?

13.1.1 Casa (VHS/DVD/TV)	<input type="checkbox"/>
13.1.2 Sala de cinema	<input type="checkbox"/>
13.2.1 Sozinho	<input type="checkbox"/>
13.2.2 Acompanhado	<input type="checkbox"/>

14- Seria capaz de referenciar um filme como "o da sua vida" ? Qual ?

14.1 _____

15-Qual o critério que segue quando escolhe um filme para ver ?

15.1 Actores	<input type="checkbox"/>
15.2 Realizador	<input type="checkbox"/>
15.3 Crítica	<input type="checkbox"/>
15.4 Título	<input type="checkbox"/>
15.5 Publicidade	<input type="checkbox"/>
15.6 Outro	<input type="checkbox"/>

qual ? _____

16-Conhece estes realizadores ?

	Apenas ouviu falar	Já viu filme(s)
16.1.1 Martin Scorsese	<input type="checkbox"/>	16.2.1 <input type="checkbox"/>
16.1.2 Jean Luc Godard	<input type="checkbox"/>	16.2.2 <input type="checkbox"/>
16.1.3 Wim Wenders	<input type="checkbox"/>	16.2.3 <input type="checkbox"/>
16.1.4 Lucchino Visconti	<input type="checkbox"/>	16.2.4 <input type="checkbox"/>
16.1.5 André Techiné	<input type="checkbox"/>	16.2.5 <input type="checkbox"/>
16.1.6 Francis Ford Coppola	<input type="checkbox"/>	16.2.6 <input type="checkbox"/>
16.1.7 Steven Spielberg	<input type="checkbox"/>	16.2.7 <input type="checkbox"/>
16.1.8 Woodie Allen	<input type="checkbox"/>	16.2.8 <input type="checkbox"/>

17- Enumere três actores que conheça e/ou aprecie

17.1 _____	17.1.2 Nacionalidade _____
17.2 _____	17.2.2 Nacionalidade _____
17.3 _____	17.3.2 Nacionalidade _____

18- Ouve música habitualmente ?

18.2 Muita	<input type="checkbox"/>
18.3 Alguma	<input type="checkbox"/>
18.4 Pouca	<input type="checkbox"/>
18.5 Nenhuma	<input type="checkbox"/>

19-De que forma ouve preferencialmente a sua música ?

19.1 Rádio	<input type="checkbox"/>
19.2 CD/K7/mp3	<input type="checkbox"/>
19.3 Espectáculos	<input type="checkbox"/>
19.4 Bares/Discootecas	<input type="checkbox"/>
19.5 Outros	<input type="checkbox"/>

Quais? _____

20- A música é para si principalmente ?

20.1 Prazer	<input type="checkbox"/>
20.2 Obsessão	<input type="checkbox"/>
20.3 Entretenimento	<input type="checkbox"/>
20.4 Pouco	<input type="checkbox"/>

21- Que tipo de música prefere ?

21.1 Pop-Rock	<input type="checkbox"/>
21.2 Jazz	<input type="checkbox"/>
21.3 Erudita	<input type="checkbox"/>
21.4 Tradicional	<input type="checkbox"/>
21.5 Ligeira	<input type="checkbox"/>
21.6 Outro	<input type="checkbox"/>

Qual ? _____

22- Enumere cinco artistas/compositores/músicos/grupos de que goste

22.1.1	_____	22.1.2 Nacionalidade
22.2.1	_____	22.2.2 Nacionalidade
22.3.1	_____	22.3.2 Nacionalidade
22.4.1	_____	22.4.2 Nacionalidade
22.5.1	_____	22.5.2 Nacionalidade

23- Qual o último espectáculo musical a que assistiu ? Quando ?

23.1 _____ / 23.2 _____

24- Compra discos habitualmente ?

24.1	Sim	<input type="checkbox"/>
24.2	Não	<input type="checkbox"/>

25- Em Caso afirmativo, quantos compra por ano ?

25.1	Entre 0 e 5	<input type="checkbox"/>
25.2	Entre 6 e 10	<input type="checkbox"/>
25.2	11 ou mais	<input type="checkbox"/>

26- Qual o critério da sua escolha ?

26.1	Rádio	<input type="checkbox"/>
26.2	Publicidade	<input type="checkbox"/>
26.3	Crítica	<input type="checkbox"/>
26.4	Amigos	<input type="checkbox"/>
26.5	Outro	<input type="checkbox"/>

Qual ? _____

27- Frequenta exposições ?

27.1	Muitas	<input type="checkbox"/>
27.2	Poucas	<input type="checkbox"/>
27.3	Nenhumas	<input type="checkbox"/>

28- Qual a última a que foi ? Quando ?

28.1 _____ / 28.2 _____

29- Enumere três artistas plásticos que conheça

29.1.1	_____	29.1.2 Nacionalidade
29.2.1	_____	29.2.2 Nacionalidade
29.3.1	_____	29.3.2 Nacionalidade

30- Vai ao teatro ?

30.1	Muito	<input type="checkbox"/>
30.2	Pouco	<input type="checkbox"/>
30.3	Nunca	<input type="checkbox"/>

31- Qual a última peça a que assistiu ? Quando ?

31.1 _____ / 31.2 _____

32- Qual a peça de que mais gostou até hoje ?

32.1 _____

33- Enumere três dramaturgos que conheça ?

33.1.1 _____ 33.1.2 Nacionalidade _____

33.2.1 _____ 33.2.2 Nacionalidade _____

33.3.1 _____ 33.3.2 Nacionalidade _____

34- Como classifica a oferta cultural da cidade de Évora ?

34.1 muito boa

34.2 boa

34.3 razoável

34.4 fraca

35- Que locais / espectáculos frequenta na cidade?

35.1 _____

35.2 _____

35.3 _____

36-Que outros aspectos relacionados com a sua vida cultural acharia relevantes mencionar ?

75	INQUIRIDOS
	ALUNOS

20	MAS
	MAS

55	FEM
	FEM

1- Como ocupa preferencialmente os seus tempos livres ?

tv	45	amigos	65
radio	23	familia	42
leitura	41	desporto	19
cinema	25	música	35
outros	7		

2-A leitura é para si

um prazer	47
um vício	3
um aborrecimento	1
uma distração	28

3- Quantos livros (extra-curriculares) lê por ano ?

entre 0 e 2	27
entre 3 e 10	43
11 ou mais	5

4 Quais as suas preferências literárias ?

contos	15	
poesia	22	
romance	51	
jornais	26	
banda desenhada	3	
revistas	31	
policiais	24	
outros	11	quais? _____

5-Quais destes escritores conhece?

	Ouviu falar	Já leu
V.S.Naipul	7	1
Jorge Luis Borges	25	5
E.Hemingway	48	26
T.S.Elliott	32	5
Philip Roth	12	0
José Luís Peixoto	45	16
	169	53

Anglo-Sax. 92 54% Anglo-Sax. 31 58%

6-Enumere três escritores portugueses contemporâneos

	Já leu ?
45 José Saramago	22
23 Margarida Rebelo Pinto	13
21 Miguel Sousa Tavares	7
15 Paulo Coelho	10
12 Daniel Sampaio	6
10 António Lobo Antunes	6
8 Sophia de Mello Breyner	7
7 Virgílio Ferreira	7
6 Rita Ferro	3
4 José Luís Peixoto	4
4 Inês Pedrosa	3

7-Qual o último livro que leu (extra curricular) ? Quando ?
PARA ENTREVISTA

8-Qual o livro de que mais gostou até hoje ?
PARA ENTREVISTA

9-Qual o canal de televisão que mais vê ?

35	SIC
14	DOIS
13	RTP1
7	TVI
7	SIC NOTÍCIAS
3	HISTÓRIA
2	SPORT TV
2	PEOPLE AND ARTS
2	ODISSEIA
8	OUTROS

10-Enumere três programas de televisão de que goste

37	TELEJORNALIS
13	CSI
10	DOCUMENTÁRIOS

11-Quantos filmes vê por ano

0 a 5	7
6 a 20	20
21 ou mais	46

12- Qual o último filme que viu ? Quando ?

PARA ENTREVISTA

13- Onde e como prefere ver cinema ?

Casa (VHS/DVD/TV)	39
Sala de cinema	42
Sozinho	8
Acompanhado	64

14- Seria capaz de referenciar um filme como "o da sua vida" ? Qual ?

40 Referiram

15-Qual o critério que segue quando escolhe um filme para ver ?

Actores	45
Realizador	21
Crítica	35
Título	18
Publicidade	24
Outro	14

16-Conhece estes realizadores ?

	Ouviu falar		Já viu filme(s)
Martin Scorsese	60		55
Jean Luc Godard	18		8
Wim Wenders	17		10
Lucchino Visconti	21		14
André Techiné	11		6
Francis Ford Coppola	60		50
Steven Spielberg	72	Anglo Sax.	71
Woodie Allen	61	253 79%	54
	320		268
			230 86%

17- Enumere três actores que conheça e/ou aprecie

165	ANGLO SAXÓNICOS	85%
28	RESTO DO MUNDO	15%

18- Ouve música habitualmente ?

Muita	56
Alguma	18
Pouca	1
Nenhuma	0

19-De que forma ouve preferencialmente a sua música ?

Rádio	43
CD/K7/mp3	59
Espectáculos	17
Bares/Discootecas	23
Outros	1

20- A música é para si principalmente ?

Prazer	59
Obsessão	5
Entretenimento	25
Representa pouco	0

21- Que tipo de música prefere ?

Pop-Rock	59
Jazz	14
Erudita	13
Tradicional	11
Ligeira	29
Outro	8

22- Enumere cinco artistas/compositores/músicos/grupos de que goste

166	ANGLO SAXÓNICOS	52%	
107	PORTUGUESES	34%	
25	BRASILEIROS	8%	42% (Ling.Portug.)
20	OUTROS	6%	

23-Qual o último espectáculo musical a que assistiu ? Quando ?

PARA ENTREVISTA

24-Compra discos habitualmente ?

Sim	30
Não	45

25-Em Caso afirmativo, quantos compra por ano ?

Entre 0 e 5	13
Entre 6 e 10	9
11 ou mais	8

26-Qual o critério da sua escolha ?

Rádio	15
Publicidade	9
Crítica	7
Amigos	8
Outro	9

27-Frequenta exposições ?

Muitas	5
Poucas	59
Nenhumas	11

28-Qual a última a que foi ? Quando ?

PARA ENTREVISTA

29- Enumere três artistas plásticos que conheça

38	Não Mencionaram nenhum	51%
19	Mencionaram um ou dois	25%
18	Mencionaram os três	24%

30- Vai ao teatro ?

Muito	1
Pouco	53
Nunca	21

31- Qual a última peça a que assistiu ? Quando ?

PARA ENTREVISTA

32- Qual a peça de que mais gostou até hoje ?

29 Referiram

Mais mencionado: Auto da Barca do Inferno 7

33- Enumere três dramaturgos que conheça ?

51	Não Mencionaram nenhum	68%
16	Mencionaram um ou dois	21%
8	Mencionaram os três	11%

34- Como classifica a oferta cultural da cidade de Évora ?

muito boa	6
boa	25
razoável	33
fraca	8

35- Que locais / espectáculos frequenta na cidade?

24	TEATRO GARCIA DE RESENDE
16	SOCIEDADE HARMONIA EBORENSE
17	CINEMAS
	FEA, BARES, UNIVERSIDADE, ETC

36-Que outros aspectos relacionados com a sua vida cultural acharia relevantes mencionar ?

Pouco foi dito, preços, falta de espaços e de divulgação foram os problemas apontados

TEMAS A ABORDAR NA ENTREVISTA

Identificar a origem geográfica do estudante

Quais foram/são os estímulos para a sua prática cultural ? família, amigos, busca individual ou outros ? Quais acha que funcionam para as restantes pessoas ?

O grande contacto com os amigos faz com que nessa idade se despreze a prática cultural ? É um limite ?

Qual a importância que acha que pode ter para a sua vida, a cultura ?

Porque é que a música é mais apelativa (tendo em conta as respostas ao questionário), que outras formas de expressão?

Existirá uma decadência do livro face aos audiovisuais ? que tendências futuras?

Comentar números relativos a artes plásticas e a teatro. Que se pode fazer para aproximar os jovens destas formas de expressão ? Por exemplo na Universidade.

É clara uma hegemonia anglo-saxónica (particularmente na música e cinema). Que motivos lhe parece estarem na sua origem ? Têm consciência disso ? Deverá ser combatida ? O que poderá ser feito para a combater ?

Évora face ao interior. Terá pior oferta que outras cidades semelhantes?

Porquê a opção por sociologia ? Satisfeito com o curso ? Que perspectivas de emprego ?